



Confraria dos Livros Bons

Índice

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[1 - O homem perante si mesmo](#)

[2 - Perante Jesus](#)

[3 - Perante a Lei Divina](#)

[4 - Perante o mundo](#)

[5 - Perante o casamento e a família](#)

[6 - Perante o trabalho](#)

[7 - Perante o sofrimento](#)

[8 - Perante os prazeres e alegrias](#)

[9 - Perante os filhos](#)

[10 - Perante os pais](#)

[11 - Perante os cônjuges](#)

[12 - Perante os amigos](#)

[13 - Perante os irmãos](#)

[14 - Perante os colegas](#)

[15 - Perante os inimigos](#)

[16 - Perante a Doutrina Espírita](#)

[17 - Perante o Movimento Espírita](#)

[18- Perante o erro](#)

[19 - Perante as emoções](#)

[20 - Perante a oração](#)

[21 - Perante os talentos](#)

[22 - Perante os vícios](#)

[23 - Perante as doenças](#)

[24 - Perante a disciplina I](#)

[25 - Perante a tempestade](#)

[26 - Perante o desencarne](#)

[27 - Perante as palavras](#)

[28 - Perante as festas populares](#)

[29 - Perante a dúvida](#)

[30 - Perante as vicissitudes da vida](#)

[31 - Perante os diálogos cotidianos](#)

[32 - Perante as decisões](#)

[33 - Perante as viagens de veraneios, lazer e descanso](#)

[34 - Perante as importantes tarefas](#)

[35 - Perante o outro que está em nós](#)

[36 - Perante a Língua Comprida e Ferina](#)

[37 - Perante as Atividades Espíritas](#)

[38 - Perante as discórdias e polêmicas](#)

39 - Perante as relações cotidianas com nossos familiares

40 - Perantes as aflições íntimas

41 - Perante o orgulho e os orgulhosos

42 - Perante o “não”

43 - Perante as mudanças

44 - Perante o sim

45 - Perante o livre arbítrio dos outros

46 - Perante os princípios e valores

47 - Perante as Faltas e Ausências

48 - Perante nossas certezas

49 - Perante nossos “filhos” 2

[50 - Perante o dia](#)

[51 - Perante a noite](#)

[52 - Perante as Portas](#)

[53 - Perante as Pegadas](#)

[54 - Perante os códigos de ética](#)

[55 - Perante a Ansiedade](#)

[56 - Perante as incontinências](#)

[57 - Perante a Disciplina II](#)

[58 - Perante o Sacrifício](#)

[59 - Perante as Advertências](#)

[60 - Perante as festas religiosas e comemorativas](#)

[61 - Perante a beleza e a fealdade](#)

[62 - Perante o último](#)

Nesta versão eletrônica, a numeração de algumas das páginas não segue rigorosamente a da versão impressa, pois as páginas em branco e as meramente ilustrativas foram removidas.

Prefácio

Leitor amigo, este livro gravita em torno de orientações para as atitudes que a vida solicita. As mensagens dos amigos espirituais traçam diretrizes que consistem em um conjunto de alertas para uso pessoal na trajetória da identidade de cada ser humano.

O desafio reside em resgatar princípios humanísticos e éticos, visando identificar os valores humanos e normas de comportamentos para a garantia do bem-estar social, por meio da elevação intelecto-moral e do respeito à diversidade.

Ao final destas reflexões é evidenciada a importância do autoconhecimento como chave, instrumento de acesso, à possibilidade de um existir mais autêntico e por consequência conquistar a felicidade.

Assim, ler este livro, representa ouvir um amigo de bom senso que ajuda a distinguir, diferenciar e discernir o quê e como fazer melhor, libertando-se dos condicionamentos sociais e culturais possibilitando uma descoberta que reintegra o homem na sua natureza espiritual.

Gilmar Alves Barbosa

Introdução

Queridos amigos, leitores dessa obra que agora têm em mãos. Nós, os Espíritos que a ditamos, o fizemos sem grandes pretensões de escrever uma obra de grande valor literário ou que ficasse na história por seu ineditismo ou mesmo que tocasse profundamente as emoções como os grandes romances.

Nossa intenção ao longo dos anos, conscientes de nossa fraqueza intelectual e dificuldades de comunicação, foi levar aos nossos irmãos encarnados algumas mensagens de orientação numa perspectiva da imortalidade. Muitos de vocês, como se vendados pelo denso véu da matéria corporal, não percebem a verdadeira realidade que está além da temporalidade e da vida material.

A verdadeira vida é a espiritual que antecede a matéria e vai além dela. Nessa perspectiva de imortalidade todos os problemas, dores e dificuldades, por maiores que pareçam, diminuem diante da perspectiva do infinito amor, perdão e da possibilidade da renovação por tempo indeterminado.

Essas modestas mensagens que apresentamos neste livro têm a intenção de auxiliá-los a atravessar com mais tranquilidade, esperança e paz esse período de incertezas próprias daqueles que mergulham no ambiente corporal. Não é um guia, nem receituário, apenas reflexões a partir da dimensão que nos encontramos.

Rogamos ao Pai que essas mensagens possam levá-los a mergulhar no interior de seus Espíritos, refletindo sobre a própria vida, sobre seus atos e respectivas consequências, utilizando-se do livre arbítrio inteligentemente, a fim de que

possam colher frutos saborosos e belos na vida futura que aguarda a todos.

João (Espírito)

1 - O homem perante si mesmo

É muito fácil para nós percebermos como nos relacionamos com os outros, com nossos cônjuges, filhos, amigos de trabalho, de escola, da infância, com os confrades e correligionários, co-idealistas; os estranhos, vizinhos e até mesmo com os animais de estimação: gatos, cachorros e pássaros que dividem a casa conosco. Porém, pergunto: como nos relacionamos conosco mesmos? Via de regra, desconhecemos a nós mesmos. Existem três formas de nos relacionarmos conosco mesmo, quais sejam: a indiferença, a violência e o amor.

A primeira é a ignorância daquilo que somos, do que conquistamos e daquilo que almejamos. Somos um profundo lago, porém desconhecido, pois ficamos apenas na superfície e aparência. Não nos propomos mergulhar na nossa interioridade para descobrir os sentimentos e as bases daquilo que somos.

A segunda, a violência e a repressão, que representam a atitude de forçar a ser aquilo que não somos, aquilo que pensamos ser melhor, ou que nos colocam como os melhores. É a atitude de violência contra nossos impulsos sexuais, contra nossa própria violência interna, contra aquilo que consideramos errado em nós. Contra tudo aquilo que, vez ou outra emerge da interioridade do nosso ser.

A terceira atitude é de amor. Só amamos o que conhecemos. O amor à primeira vista não é exceção, é apenas o relembrar de um amor mais profundo. Não podemos nos amar se não nos conhecermos primeiro. É necessário nos conhecermos para podermos nos amar. É necessário mergulhar nas profundezas e conhecer nossos piores medos, nossa violência interna, nossos impulsos sexuais, aquilo que queremos ou não queremos ver. É preciso acender a luz para aquilo que nos parece penumbra, por mais tenebroso, sujo e desconhecido que

seja. Para que, diante da luz ou sob ela possamos nos conhecer. Esclarecendo as causas que nos levam à violência, ao ódio, à impaciência, ao desamor, à indiferença, saberemos nos perdoar, nos compreender, sermos indulgentes conosco mesmos e aí nos amarmos. Somente com o amor nos transformaremos, somente com ele nos superaremos, seremos mais plenos de nós mesmos, senhores de nós próprios, autodeterminantes, autoconfiantes e construtores de uma vida melhor, conquistadores de nossa própria felicidade.

2 - Perante Jesus

O Mestre Nazareno se intitulava como Filho do Homem. Assim o fazia para simbolizar que ele representava o futuro, o porvir da humanidade. Ele representava (e representa) o melhor possível ao ser humano na Terra. Em outras palavras, representava o ser humano por excelência. Sua doutrina, sua proposta, seus exemplos e suas ações demonstravam o máximo do grau de evolução do gênero humano, sem exceder a capacidade e a possibilidade que cada um possui. Jesus é, sem dúvida, o melhor exemplo, o maior ideal que cada ser humano pode eleger. Outro título ao qual Ele não se opunha era o de Mestre. Jesus, o Filho do Homem, era então Mestre da Humanidade, Ideal supremo para qualquer homem ou mulher.

Encontramos, porém, três tipos de posturas perante Jesus. A primeira de negação, a segunda de aceitação e a terceira de ação.

A negação constitui a atitude daquele que não quer mudar o próprio futuro. Daquele que, sendo por demais egoísta e orgulhoso, não quer deixar o presente; daquele que, não consegue perceber os seus semelhantes, apesar de diferentes, irmãos espirituais com iguais direitos e deveres. É a atitude daquele que, não consegue perceber a força e o poder do amor e reconhecer nele o futuro inevitável de cada um, rejeitando então, em seu coração, o Mestre Jesus e todos os Seus ensinamentos, tornando-se assim profundamente infeliz. Resulta daí óbice ao caminho na direção da lei divina, resultando inevitavelmente na infelicidade.

A dureza do coração que opta pela negação de Jesus, se converte na dureza também contra os semelhantes e contra si mesmo.

Todavia, ninguém permanece eternamente nesta situação, chegando enfim o segundo momento: da aceitação. Na aceitação percebe-se que a lei do amor é uma lei universal e que Jesus é realmente o Mestre. Mas, muitas vezes essa conversão, primeiramente, é apenas social, apenas de palavra, não implicando em conversão de sentimentos e de ações. Aceitar Jesus apenas com palavras é muito fácil e mesmo conveniente. Na verdade, aceitar Jesus implica arrepender-se sinceramente. Ir à missa ou a outro templo religioso, ou mesmo em uma casa espírita, receber a hóstia ou tomar passe e beber a água fluidificada são ações muito fáceis, mas que não provocam real mudança de sentido na vida.

Aquele que aceita Jesus avança um pouco diante daquele que o nega, porém não realizou ainda o passo fundamental. A verdadeira conversão, ou ação de convergir, implica atitude perante Jesus. Quem o aceita verdadeiramente deve agir conforme os seus ensinamentos e buscar seguir os seus exemplos. A atitude de ação perante Jesus é a atitude do verdadeiro cristão e do verdadeiro espírita, é a atitude de indignar-se perante o mal do mundo e, não o aceitando, agir para sua correção. É buscar eliminar a fome onde houver; o frio onde se fizer presente; a dor onde se manifestar. É combater a solidão, oferecendo a amizade e ouvido para ouvir. É abraçar o rude com carinho e amor. É atender àquele que clama ajuda fraterna. Oferecer-se ao trabalho mais humilde quando solicitado. É ser paciente com os filhos, pais, mães, cônjuges. É agir com amor em todas as situações da vida. Esta é a atitude perante Jesus. É o que Ele espera de cada um de nós e que devemos sempre buscar, para que mais perto Dele cheguemos, para que verdadeiramente compreendamos as suas palavras, principalmente aquelas: “bem aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus”.

3 - Perante a Lei Divina

As Leis Divinas representam as manifestações do Criador. Elas são o próprio Criador se fazendo visível para nós. Por meio delas entendemos a perfeição, a bondade e a justiça do Grande Arquiteto do Universo.

Existem três posturas diante das leis perfeitas e eternas: a ignorância; controle e adesão; e obediência.

Primeiramente, ignorávamos que existissem as leis supremas, que regem tanto o Universo material quanto as relações morais. Essa ignorância causava medo e ansiedade ao homem, porque ele acreditava estar imerso no caos e que sua vida não faria sentido. Críamos que a sorte estava lançada e que a nossa felicidade ou infelicidade dependeria simplesmente do acaso e que muitas vezes, senão todas, o acaso era inimigo. A natureza, uma grande desconhecida, era amedrontadora. A ignorância acerca da existência de leis e de ordem significava para o homem a orfandade.

Quando o homem, então, na sua adolescência, descobriu a existência de leis e de ordem no universo, buscou controlá-las e nessa busca milenar pelo controle das leis naturais (ou divinas) construiu o castelo chamado ciência. A ciência, em todas as suas formas e especialidades, seja ela a ciência natural, biológica ou humana, é a tentativa humana de conhecer para controlar as leis divinas. Entretanto, o homem se esquece que ele próprio é natureza e que a tentativa controla-la implica em se submeter à própria dominação. A submissão da natureza a seu egoísmo significa a sua própria submissão, sendo certo que a natureza interna e externa se revoltarão de diversas formas a esse controle. Não cabe ao homem controlar as leis divinas.

Porém, a revolta da natureza leva o homem a se conscientizar de que não é para controlá-la que a conhecemos, mas sim para respeitá-la. Quando as ciências, ao invés de tentar controlar, buscar entender sua finalidade, passarão a respeitá-las. E o homem, enquanto indivíduo, alcançará o terceiro estágio perante as leis divinas: o estágio da obediência e da adesão, quando a percepção mais profunda de que toda lei foi construída para o nosso bem, que todas são perfeitas, que explicitam a bondade do Criador e que a submissão a elas não implica em perda da liberdade mas, sim, em sua conquista plena, teremos, enfim, alcançado a felicidade possível ao ser humano.

Com a obediência queremos representar a concordância mental ou intelectual na percepção do que diz a lei, que é sempre o melhor para nós. Por exemplo: a lei do amor ensinada por Jesus é o melhor para a nossa prática e relações seja com a natureza, seja com o próximo ou conosco mesmos. E quando falamos em adesão queremos dizer a concordância do nosso coração ou dos nossos sentimentos mais profundos com as leis, tornando-nos assim uno com elas, tornando-nos seus representantes no mundo.

4 - Perante o mundo

O mundo representa a criação humana. Representa toda diversidade de culturas, tradições, línguas, modos de entender e de se relacionar com outro. Se a Terra representa o planeta físico o mundo representa o planeta metafísico.

Há uma diversidade, uma enormidade, de posturas diante do mundo, porém apresentamos para reflexão três delas: a de convivência, de abstinência e de transformação ou idealista.

A postura de convivência é a aquela da aceitação tácita de tudo aquilo que nos é apresentado pelo mundo. É a aceitação sem questionamento da moral vigente, das doutrinas legais dos estados constituídos, de tudo aquilo que é imposto pela educação, pela família e pela religião.

Representa a atitude daqueles que no mundo são senhores, que se favorecem com os padrões do mundo e da forma que se estabelecem, sendo por eles favorecidos de alguma forma. São exemplos os senhores de escravos que foram coniventes com a escravidão, porque não eram cativos; os alemães, que foram coniventes com o nazismo porque não eram judeus; e os ricos, que são coniventes com a injustiça social porque não são pobres. Ser conivente é buscar o status quo social, aceitá-lo, apregoá-lo. É subordinar-se aos padrões sociais e culturalmente aceitos. Representa ser romano entre romanos; cristão entre cristãos. É o pertencimento à cultura mundana a qual habita e da qual faz parte.

A Segunda postura é a abstenção do mundo. É viver em Roma sem ser romano,

ser mulçumano entre cristãos e vice-versa. É afastar-se da cultura mundana para refletir sobre a diversidade e mutabilidade das construções humanas. É erguer-se do mundo e buscar o patamar superior para refletir sobre ele.

Somente com a abstinência do mundo é que poderemos supor a existência de um mundo divino, perfeito, de justiça e felicidade plena. Somente com a abstinência do mundo poderemos conceber a ideia dos valores transcendentais, da existência de uma ética universal. Somente de fora do mundo é que poderemos conceber os valores ideais. Porém abster-se é não se mover.

A terceira atitude é a de transformação. Atitude idealista, aquela à qual devemos pertencer. É a atitude que, intuindo a existência de outra realidade, maior e melhor, põe-se em direção a ela. É atitude daquele que, percebendo a injustiça nas leis humanas, entrega-se ao trabalho pelo burilamento das mesmas; que identificando as disformidades do ambiente profissional, põe-se ao trabalho diário pela sua transformação; que identificando os problemas nas relações familiares, põe-se a atuar na construção da paz e da harmonia no lar; que identificando as doenças psíquicas, buscam a promoção ou a recuperação do equilíbrio. Em suma, é a postura daquele que não aceita simplesmente o que herdou e, idealizando, põe-se a construir uma nova casa, nova morada, novo ethos.

Por isso, os adeptos desta última atitude são chamados de idealistas, da mesma como também foram chamados de idealistas todos os grandes homens que transformaram para melhor aquilo que chamamos de mundo.

5 - Perante o casamento e a família

O casamento e a família são instituições humanas e como tais pertencem ao mundo. Porém, como todas as outras instituições humanas, buscam de forma imperfeita reproduzir uma determinada lei divina.

O casamento e a família são tentativas de instituir na Terra, nas relações entre os homens, as leis divinas do amor, da sociedade, da reprodução, da educação e da caridade. Assim sendo, podemos distinguir nos conceitos de casamento e de família uma parte humana e uma parte divina.

A parte humana é muitas vezes vinculada a bens transitórios, como o patrimônio e as paixões.

Quando o casamento e a família se encontram sustentados no valores terrenos, estão fadados ao insucesso e ao fracasso, porque contrariam o sentido divino nos quais estas instituições foram erguidas.

Porém, quando o casamento e a família se substanciam nas leis do amor, da educação, da socialização, da reprodução, todas as dificuldades, que se resumem nas imperfeições dos Espíritos que os constituem, serão superadas. E nós, como Espíritos protetores, estaremos sempre ajudando para que todas as dificuldades sejam ultrapassadas.

Devemos, perante o casamento e a família, buscar sempre o sentido divino, o fundamento maior, lembrando-nos que em termos espirituais a família espiritual

é mais ampla do que a consanguínea. A nossa verdadeira família constitui-se dos Espíritos que nos são afins, até porque, muitas vezes em outras vidas viveram conosco em condições de irmãos, pais ou mães.

É nessa ampla família espiritual que devemos buscar idealisticamente renovar as instituições humanas, muitas vezes fundamentadas no orgulho, no egoísmo, no patrimônio e em paixões sensuais e transitórias, transformando-as em instituições divinas, que perseguem os valores eternos das Leis Imutáveis do Criador. Devemos nos abster do mundo e buscarmos as Leis Divinas, que fundamentam o agir humano, o bem, a ética, que nos levam a felicidade.

6 - Perante o trabalho

O trabalho é uma lei divina e a postura perante ele é a mesma que devemos ter perante as leis divinas. Porém, é necessário que nós entendamos corretamente sobre o que queremos dizer com trabalho, porque o conceito de trabalho tem sido um dos mais adulterados pela humanidade ao longo da sua história.

Inicialmente, na concepção bíblica, o trabalho aparece como castigo divino, onde o Deus, Jeová, imprime aos pecadores o trabalho, como castigo pela desobediência.

Na concepção clássica, onde todo trabalho era feito por escravos, ele também era desvalorizado, sendo considerado uma coisa vil, ao passo que o ócio era uma prerrogativa apenas dos nobres. O vocábulo trabalho advém daquela época. Do latim “tripalium”, três paus, instrumento usado para castigar prisioneiros e escravos.

Na idade média, com a hegemonia da igreja católica no modo de produção medieval, que precisava dos trabalhos dos servos, é invocado Paulo de Tarso, que instruíra que “quem não trabalha não coma” e redime-se o trabalho como uma coisa boa e nobre, instituindo o ócio ou a ociosidade como mãe de todos os vícios.

Com o surgimento da classe burguesa, que precisava comprar as horas de trabalho daqueles que não tinham o capital, surgiu a concepção de negócio ou de negar o ócio. O trabalho de uma vez por todas se vinculou ao capital, de forma que hoje não conseguimos mais ver o trabalho sem vinculá-lo ao recebimento de

numerários referentes à atividade executada. Porém, o trabalho é muito mais do que tudo isso.

Em uma nova concepção, o trabalho é atividade de co-criação do Espírito imortal. Sendo assim, o objetivo do trabalho é a construção de um mundo melhor. É a transformação do “eu” em um “eu” melhor. Esta é a natureza divina do trabalho. Nesta concepção, a atividade humana remunerada que, geralmente, se chama de trabalho, pode ou não ser efetivamente trabalho.

Busquemos trabalhar todos os dias no sentido verdadeiro. Busquemos, então, engrandecer o trabalho remunerado, com o intuito de adequá-lo ao verdadeiro sentido do trabalho.

Trabalhar é realizar nossa missão divina, missão que cabe a cada um de nós.

7 - Perante o sofrimento

É muito difícil a compreensão do que vem a ser o sofrimento, uma vez que a percepção do sofrimento depende muito mais daquele que sofre do que daquele que observa. Isso equivale a dizer que o sofrimento de cada um é único.

Se dividirmos o sofrimento em moral e físico, perceberemos que mesmo este último depende de cada pessoa. Há pessoas que sofrem muito com pequenos machucados e há pessoas que sofrem quase nada com grandes enfermidades.

Já o sofrimento psíquico ou moral muitas vezes é irreal. A culpa e a preocupação são sofrimentos irrealis e uma simples e pequena quantidade de fé, do tamanho de um grão de mostarda, plagiando o Mestre, soluciona qualquer preocupação. O arrependimento, junto com a compreensão e ação reparadora, elimina qualquer culpa.

Nós observamos aquilo que vocês chamam de sofrimento e não o consideramos como tal. A maioria daquilo que chamam de sofrimento, do nosso ponto de vista, são experiências necessárias ao crescimento individual.

Chamam de sofrimento as frustrações. Para nós, todavia, elas são instrumentos capazes de revelar a verdade, tirando a ilusão daquele que se encontrava sob o império da enganação.

Sofrem muito com as perdas, seja de bens materiais, seja de pessoas. Para nós, as perdas são apenas aprendizagens necessárias a nos ensinar que não somos donos

de nada e que só possuímos realmente aquilo que levamos dentro de nós.

Sofrem demais com o futuro e o passado, quando na verdade só o presente é definitivo.

Sofrem demais, despendendo esforços e energias, em objetivos que perceberão vãos e transitórios. Sofrem demais tentando impor ao outro aquilo que é a sua verdade...

Busquem, perante o sofrimento, aprofundá-lo em sua essência e verão que quase a totalidade de vossos sofrimentos é irreal e desnecessária. Sofrem na verdade pela ignorância, esquecendo-se que a melhor postura perante o sofrimento é a da compreensão.

Compreender o sofrimento, em sua função evolutiva e educadora, nos dará forças para superá-lo, quando forem reais, bem como nos tornará aptos a identificar os irrealis. Fortalecerá, finalmente, a nossa fé na beleza, na justiça e na sabedoria de Deus que, por meio de suas leis perfeitas, patrocina a nossa felicidade e não o sofrimento.

8 - Perante os prazeres e alegrias

Da mesma forma que analisamos os sofrimentos, devemos analisar os prazeres e alegrias. Eles também são relativos à pessoa que os sentem. De igual forma, podemos dividi-los em físicos e morais, sendo que tanto o primeiro quanto o segundo dependem daquele que sente.

Sem dúvida, o prazer, muito mais que a dor, pode nos levar à derrota moral, isto é, pode nos levar a longos e reais sofrimentos. Pode o prazer nos levar a estacionar no caminho da evolução.

Com a mesma intensidade que buscamos fugir do sofrimento, perseguimos o prazer e, com frequência o buscamos em excesso, atraindo a dor.

Tal como o sofrimento, o prazer é divino. Foi criado por Deus e em si mesmo não constitui algo ruim ou pecaminoso, como insistem alguns religiosos. Porém, o abuso do prazer, a ignorância do seu real sentido e de sua função, podem nos levar à falência dos objetivos que estabelecemos para nós em nossa vida.

Devemos, pois, com sobriedade, buscar as alegrias e os prazeres, mesmo os mais efêmeros, porém, guardando sempre a certeza de que eles só existem com os fins para os quais foram criados. Há um sentido específico para o sexo, para a alimentação, para os sentimentos sublimes do amor, da amizade, do carinho, do desejar e do querer bem.

Todas as atividades do corpo e da alma que nos provocam alegrias e prazeres

têm como pano de fundo um sentido que coaduna com as leis naturais. Devemos buscar este sentido e nos adequar a ele, buscando em nosso íntimo, sermos unos com as leis naturais. Assim agindo, cada vez mais, nossa vida será mais prazerosa, mais alegre, de forma perene e contínua, porque mais perto da perfeição, da harmonia, das leis naturais. Em suma, mais próximo de Deus.

9 - Perante os filhos

Nossos filhos são Espíritos cuja guarda, responsabilmente, aceitamos, a fim de orientá-los e educá-los em direção à perfeição espiritual e moral. São, muitas vezes, amigos, inimigos, amantes, parentes, pessoas às quais nos ligamos pelos laços do amor e do ódio, quase nunca desconhecidos.

Despertam eles no íntimo da nossa alma sentimentos diversos, estranhos, misturas de amor, ódio, simpatia, antipatia. Porém, Deus a nós os oferta, inocentes, indefesos, fazendo com que floresçam em nossos corações os sentimentos de paternidade e maternidade. Aqueles Espíritos envolvidos em meios a expressões infantis nos comovem e por eles somos fisgados como um peixe no anzol.

Perante eles, inadvertidamente, podem os pais adotarem postura protecionista. Pais protecionistas são aqueles que querem impedir que seus filhos cumpram o objetivo primeiro da reencarnação, que é viver a própria vida, que é experienciar as dificuldades e contingências que a vida material exige. São aqueles que se pensam capazes de impedir o sofrimento dos seus filhos; que tentam impedir que os filhos enfrentem dores, quedas, dificuldades; que tentam carregá-los diante das pedras que encontram no caminho; que os protegem tanto em seu ninho familiar, que não permitem a eles voarem.

Há, todavia, conduta oposta, ou de extrema liberdade. Aquela que identificamos em pais que deixam os filhos fazerem o que quiserem, mesmo que na ingenuidade infantil, desejem erroneamente, sem lhes mostrar os limites. São pais que, muitas vezes com consciência culpada, não são capazes de imprimir, naqueles que Deus colocou sob sua guarda, a direção necessária de que necessitam. Neste caso, a criança cresce sem limites e as consequências ou,

melhor dizendo, as (in)consequências, são imprevisíveis e dolorosas.

A melhor postura, aquela que recomendou Jesus, que nós enfatizamos, é a postura dos pais educadores e amorosos. Quem educa corrige, mas não agride. Quem ama permite, mas apresenta os limites que definem as responsabilidades. Quem educa elogia, mas não aprova o erro; adverte, mas não o impede de realizar pelas suas próprias mãos. Quem ama e educa dá o exemplo de coerência para ser seguido e isto é fundamental.

Quem ama e educa é socorrido de intuição divina, que lhe permite realizar em cada momento de dificuldade o meio termo exato e correto para a educação saudável, que leva o Espírito reencarnante a ser exitoso em sua missão de vida.

10 - Perante os pais

Chamamos de pais aquelas pessoas que recebem carinhosamente os Espíritos multimilenares numa nova roupagem carnal, para novamente experimentarem a vida na matéria. Podem ser avós, tias, ou mesmo um desconhecido, que adote o Espírito metamorfoseado em criança. São os verdadeiros pais, espiritual e amorosamente.

Os pais são, na verdade, missionários porque assumiram a missão de orientar, educar e amar seus filhos, encaminhando-os para uma direção, rumo a um objetivo maior e melhor. Porém, não são eles santos, infalíveis, heróis, possuidores de todas as virtudes. São Espíritos que também foram por sua vez filhos de outros pais. Espíritos que muitas vezes falharam ou passíveis de falhas, erraram e podem errar, assim como soe acontecer como todos nós Espíritos.

Inicialmente, há uma tendência de idealizarmos os nossos pais, imprimindo neles a figura de salvador, protetor ou semideus. Assim, transferimos para eles a responsabilidade que cabe a nós, culpando-os pelos nossos erros, atribuindo a eles o fato de sermos “assim ou assado”, por não terem nos proporcionado a educação que gostaríamos; as oportunidades que achávamos melhores. Ou seja, culpamos nossos pais por tudo.

Por outro lado, é comum uma postura de rebeldia. De atacarmos nossos pais, acusando-os de bobos, ultrapassados, que não sabem de nada, incapazes de nos educar, de nos indicar o caminho a seguir. Desta forma, muitas vezes os pais são humilhados, menosprezados, desprezados e ignorados.

A postura que recomendamos perante nossos pais é a de reconhecimento, respeito e amor.

Reconhecimento é a atitude de gratidão por aquele Espírito que se dispôs a nos receber dentro do seu próprio lar, do seu próprio corpo, com o fim de nos educar e nos dar tudo de bom e do melhor, conforme suas possibilidades evolutivas. Sejam os pais evoluídos ou não, foram eles que depositaram em nós tudo aquilo que recebemos na vida atual: auto-estima, auto-conceito, personalidade, visão de mundo, cultura religiosa social, linguagem, preconceitos, ou seja, tudo aquilo que forma nossa consciência da atual vida. De alguma forma fomos largamente influenciados por eles. É, pois, necessário, respeito.

Mesmo que hoje superemos toda a educação recebida, que nossa cultura seja maior que a deles, que achemos seus conhecimentos inúteis, devemos dedicar-lhes o nosso respeito e o nosso amor. Amor que não se restringe simplesmente ao amor filial, mas o amor que nos ensinou Jesus, que é universal. Amor que devemos nutrir por todas as criaturas, próximas ou distantes, conhecidas ou desconhecidas, ao amigo e ao inimigo. Seria inconcebível amar ao próximo sem amar àqueles que nos são ainda mais próximos. Seria inacreditável ser capaz de amar o inimigo, sem antes amar aqueles que são mais amigos. Impossível pensar em ser caridoso, sem antes ter caridade com nossos pais, entendendo por caridade amor em ação.

Busquemos, pois, reconhecer, respeitar e amar nossos pais.

11 - Perante os cônjuges

Chamamos de cônjuge o companheiro ou companheira que, antes do nascimento, se comprometeu num projeto de vida ou em um plano estabelecido de vida reencarnatória futura, a dividir e compartilhar a existência com um Espírito necessitado de experiências de vários matizes. Os cônjuges são Espíritos, que de uma forma ou de outra, se comprometeram a compartilhar o tempo e espaço de uma vida terrena. São aqueles que foram “jogados juntos” no mar tortuoso do esquecimento da vida material. Nesta definição, nem todos aqueles que se casam pelas leis terrenas são considerados cônjuges, e outros o são sem sequer se casarem. Não esqueçamos também, que os objetivos deste compartilhar de vida são: a solução de problemas pretéritos, a evolução e a construção da felicidade.

Imprescindível que sejam abordados alguns aspectos que fundamentarão as posturas propostas a seguir.

As relações humanas são por si só difíceis e as relações íntimas e duradouras são mais ainda, uma vez que não somos Espíritos evoluídos e santos. Cada um de nós guarda consigo problemas e idiosincrasias que muitas vezes tornam o relacionamento desagradável e difícil. O egoísmo, o orgulho e suas diversas consequências se manifestam e tornam as relações tormentosas. Quanto mais íntima a relação, mais contato se trava com o orgulho, o egoísmo e outros defeitos, que tornam ainda mais difícil a relação.

Além disso, muitas vezes os seres que se comprometem a compartilhar a vida como cônjuges, trazem dificuldades do pretérito espiritual. Frequentemente, não são Espíritos que se amam profundamente, mantendo entre si compromissos doentios. Não raro, têm os cônjuges experiências mútuas de ciúme, ódio e

inveja, além de vários outros sentimentos, experiências difíceis, que buscam consertar e recuperar na vida presente.

Finalmente, importa ressaltar que a paixão e a sensualidade na fase que precede o casamento, ou seja, no momento do namoro e do atual “ficar”, tornam o ambiente idílico e agradável, iludindo os futuros cônjuges acerca de suas verdadeiras essências espirituais, das personalidades, individualidades e das dificuldades do matrimônio, da educação dos filhos, da divisão de tarefas e das responsabilidades diversas da vida a dois.

Feitas tais considerações, podemos afirmar que temos diante do cônjuge duas posturas que não recomendamos.

A primeiramente é a postura de total resignação e aceitação, ou a postura do silêncio. É a postura da omissão, de evitar o conflito, mesmo que o conflito seja apenas discordância de ideias e que não resulte em brigas. É a anulação do eu, em função da vontade do companheiro ou da companheira. Vale lembrar que no coração hospeda-se a discordância, sentimento que não pode ser anulado apenas em função do outro.

De outro lado encontramos a postura daqueles que impõem a sua vontade, que oprimem o cônjuge. Daquele que não ouve, que é opressor, que manda e desmanda. É a postura autoritária.

A postura que recomendamos, seguindo o conselho do velho Aristóteles, é o caminho do meio. Diante do cônjuge deve-se buscar ao máximo ouvir primeiro, ser paciente, ser benevolente, buscando falar na hora certa, sem no entanto esperar em demasia para apresentar suas opiniões.

Em suma: ouvir, mas também falar. Ser paciente, mas não aguardar eternamente. Ser benevolente, sem ser conivente. Importa não estar de frente, mas ao lado, para juntos caminharem na felicidade possível, na melhor solução em prol da educação dos filhos, da solução dos problemas domésticos.

A melhor postura diante do cônjuge não é se fazer senhor do outro pelo autoritarismo, mas, cedendo, fazer-se uno; compartilhando as emoções e os pensamentos, sendo um só juntos.

Quando as vontades se igualarem, os pensamentos se sintonizarem, cessarão as disputas e as brigas. Os conflitos, quando ocorrerem, serão harmoniosos, porque buscarão o melhor, o ideal. Serão conflitos sem brigas.

Em suma, a postura que se recomenda é a de buscar juntos cumprirem a finalidade pré-estabelecida antes do nascimento.

12 - Perante os amigos

A amizade é um dos mais dóceis e prazerosos sentimentos humanos. Ela é filha dileta do amor e era considerada pelos filósofos gregos uma das mais importantes virtudes. Foi elogiada por Aristóteles e por Jesus, que se despedindo de seus apóstolos, os chamou de amigos, porque a eles havia ensinado e compartilhado tudo, conforme a Lei.

Não é no corpo, nem na vida material, que se encontram as raízes da amizade, mas no Espírito imortal. Se buscarmos a origem das simpatias espontâneas e das afinidades profundas, as encontraremos nas vidas pregressas.

Porém, também o amor fica doente e seus filhos, os mais nobres sentimentos, também podem adoecer.

Existem vários tipos de doenças que atacam a amizade. A chaga do egoísmo que faz com que busquemos tomar posse do amigo como se ele fosse nossa propriedade. A chaga do orgulho através do qual menosprezamos o amigo, pretendendo que ele nos idolatre e nos sirva como se fôssemos seus senhores.

Infelizmente não podemos ter uma grande quantidade de amigos, porque a verdadeira amizade exige tempo. Devemos dedicar tempo aos nossos amigos e se tivéssemos muitos amigos, uma imensidão deles, como iríamos a eles dedicar o tempo necessário? Podemos sim ter colegas e conhecidos em grande quantidade. Nos tempos atuais, onde o trabalho e a família nos exigem quase a totalidade do nosso tempo, como dedicar tempo aos amigos?

Que o tempo dedicado aos amigos seja um tempo de qualidade e não dividido, quando nos fazemos presentes em corpo, mas distantes em pensamento. Ainda que o tempo seja mínimo, que o seja de presença efetiva: de corpo e alma.

Precisamos de amigos. O Espírito precisa de amigos como o corpo precisa de alimento. Na amizade ofertamos a nós mesmos como alimento e nos alimentamos do ser do amigo. Há uma troca intensa de energia, brotando daquele que está em melhores condições espirituais em direção ao mais necessitado. Assim sendo, a conversa entre amigos é um passe natural, que muitas vezes dispensa outras terapias. A amizade é por si só uma terapia, que o homem contemporâneo, solitário e estressado muito necessita.

Busquemos então cativarmos e sermos cativados em nossos corações pela amizade.

13 - Perante os irmãos

Denominamos irmãos não apenas aqueles unidos por laços consanguíneos, mas todo Espírito que nasce com uma missão de compartilhar uma vida de fraternidade. Assim, chamamos também de irmãos, não somente aqueles que são adotados, mas também aqueles que, por diversas circunstâncias e contingências da vida material, compartilham o lar, a casa, o abrigo ou qualquer outra instituição.

Muitas vezes não é fácil conviver com o irmão ou a irmã, justamente porque a sabedoria divina coloca juntos Espíritos que romperam os laços divinos da lei de amor e caridade. Ser irmão nestes casos é a oportunidade de reconquistar os laços rompidos. Então, a vigilância, o trabalho paulatino, persistente e contínuo no burilamento são atitudes que recomendamos, porque a todo o momento poderão ressurgir do íntimo da nossa alma velhos sentimentos infelizes, tais como o ciúme, o ódio, o desamor ou a apatia.

Faz-se necessária constante vigilância a fim de que, compreendendo estes sentimentos e refletindo suas consequências, possamos romper com a ilusão a que eles nos acorrentam. Tais sentimentos menos nada nobres não serão vencidos da noite ao dia, sendo necessária muitas vezes uma vida inteira para apenas atenuá-los. Porém, quanto mais rápido nossa vitória sobre eles, mais cedo retornaremos a uma convivência equilibrada e harmoniosa.

Não raras vezes viemos já com o irmão ou irmã sintonizados e afins, para compartilharmos determinada missão ou prova. Evidente, todavia, que na vida terrena, em um planeta ainda de expiações e provas, nenhuma vida é fácil, por isso impõe que contemos com o nosso irmão como companheiro de jornada. Importa seja o irmão o psicólogo que nos ouve e a quem devemos ouvir; com

quem devemos compartilhar, nos suaves laços da amizade, os problemas e dificuldades, a fim de que a vida seja mais tranquila e serena. Importa também exercitar com o irmão o amor, que deve ser universalizado. A irmandade é um presente divino à humanidade, porque possibilita ao ser humano exercitar o amor se libertando dos laços da solidão.

Se não possuímos na vida terrena um irmão consanguíneo, busquemos o irmão não consanguíneo que, com certeza, existe e que também está a procura de nós.

14 - Perante os colegas

Sejam colegas de escola, de trabalho, correligionários ou co-idealistas, vale o que já discorremos com relação aos amigos e aos irmãos. De igual forma, devemos agir com relação aos colegas, porém não necessariamente com laços tão profundos, tão apertados quanto em relação aos irmãos e aos amigos.

Temos muitos colegas, em cada ambiente dos quais participamos. Conhecemos, interagimos, conversamos com outros seres humanos em condições iguais às nossas: Espíritos reencarnados buscando se melhorarem.

Devemos ser prestativos e ouvintes. Devemos nos colocar na posição de Jesus quando ensinava que o próximo era aquele a quem devemos ajudar.

Todos os colegas passam pela sala de estar dos nossos sentimentos e é através deles que poderemos descobrir amigos e irmãos. Não devemos nunca fechar as portas dessas possibilidades e, ao mesmo tempo, devemos buscar o ser divino que cada um possui. O melhor de cada um.

Devemos ser perante nossos colegas como a luz do candeeiro, em cima e não embaixo do alqueire.

Devemos ser aquele que chama e que clama o melhor dentro do próximo, aquele que apoia, que incentiva, que ajuda, que socorre.

Não deixemos que as aparências, que as condições do mundo, do estresse, do excesso de trabalho, da correria, possam prejudicar nossos relacionamentos.

Não viemos no mundo para trabalhar, para nos estressarmos. Viemos no mundo, nos reencarnamos, para aprendermos a nos relacionar, a aceitar o outro. Em suma, para aprender a amar.

15 - Perante os inimigos

Inimigos não apenas aqueles indivíduos que normalmente identificamos como tais.

Chamamos de inimigos todos aqueles aos quais evitamos o convívio, a conversa. Dos quais queremos fugir. Aqueles que, quando vemos, nos escondemos. O chato; o que fala muito; o carente; o pedante. Enfim, todos aqueles que de alguma forma têm características que fazem com que com eles não nos simpatizemos.

Como tratar com eles? Qual a nossa postura perante eles? – Será, sem dúvidas, a aquela que nos recomendou o Mestre Jesus: “amai vossos inimigos”.

Já descobriu a Psicologia que todos os defeitos que identificamos no outro, os possuímos, porque só podemos identificar o que conhecemos e só conhecemos aqueles “defeitos” porque de alguma forma os hospedamos, ainda que inconscientemente, seja desta ou de outras existências corpóreas.

O defeito que mais detestamos no próximo, possuímos dentro de nós mesmos.

Diz também a psicologia, que simplesmente ignorar o problema, o defeito, o trauma não faz com que ele desapareça e, de alguma forma, num futuro breve ou distante, ele retornará dez vezes mais intenso, prejudicando nossas vidas de diversas formas.

O que devemos então fazer com os nossos defeitos? – Amá-los. Se amarmos nossos defeitos, observando carinhosamente nossas más tendências, elas se diluirão por si só porque nada resiste ao amor.

O amor dissipa os defeitos como a luz dissipa as trevas.

Amar os nossos defeitos significa observá-los, aceitá-los e, carinhosamente, dentro das nossas possibilidades, nos transformarmos gradativamente em um ser humano melhor.

A partir do amor a nós mesmos, passaremos então a amar o próximo.

16 - Perante a Doutrina Espírita

A Doutrina Espírita se constitui de enorme manancial de luz que atravessou as trevas chegando ao mundo dos encarnados. Este manancial adverte e consola com relação às leis da vida, seja a material e principalmente a espiritual. Define roteiro certo para a felicidade, sinônimo de evolução.

Porém, muitos não sabem encará-la da forma adequada. Muitos a consideram apenas como uma religião e dessa forma se tornam apenas crentes e, no excesso, fanáticos.

Outros supõem que ela seja apenas uma ciência, adotando dessa forma uma postura apenas de estudante ou de professor.

Outros, ainda, que gostam de polêmicas a usam apenas para polemizar.

Porém, a postura que recomendamos perante a Doutrina Espírita é a do constante estudo do seu conteúdo com humildade e a sua prática com simplicidade.

Nada adiantará este manancial luminoso se não a introjetarmos em nossos corações e mentes. A introjeção na mente é feita pelo estudo e no coração pela prática.

O estudo deve ser com humildade, porque senão poderá favorecer o orgulho e a

vaidade. E a prática deve ser com simplicidade, para que não nos percamos na burocracia e nas ilusões institucionais.

17 - Perante o Movimento Espírita

O Movimento Espírita ase constitui de todos os grupos de seres humanos mais ou menos organizado em torno da luz maior que é o Espiritismo ou a Doutrina Espírita.

Porém tão fulgurosa, tão brilhante é esta luz que, muitas vezes, os seres humanos organizados em volta dela se confundem e não se dirigem como em um movimento coordenado. Ao contrário, comportam-se como moscas cegas, perdidas em direções diversas, girando aleatoriamente, atropelando-se, chocando-se muitas vezes com a própria luz.

Apesar dos esforços de grandes espíritas, a começar pelo próprio codificador, Bezerra de Menezes e tantos outros, não se conseguiu ainda, efetivar sobre a Terra um movimento espírita harmônico, organizado em torno dos ideais espíritas. Isto já era previsível, uma vez que o movimento espírita é constituído de seres ainda imperfeitos, que hospedam a vaidade, orgulho e egoísmo, fontes de vários vícios morais, que dificultam as relações entre os grupos e pessoas.

Diante desta paisagem, faz-se necessária uma atitude de muito discernimento e muita diplomacia.

Discernimento para buscar a melhor atitude, o melhor caminho, em cada momento. E, lembrando novamente o querido Aristóteles, o melhor caminho nunca está nos extremos. Não é ser sectário e abandonar o movimento, reprovando determinado caminho. Também não é sempre ceder e achar que tudo está correto.

Diplomacia, porque é necessário muita conversa, muito debate, muita paciência. Importa ouvir muito para poder conviver num movimento que reúne Espíritos milenares que viveram em seitas e religiões totalmente distintas umas das outras.

É preciso, perante o Movimento Espírita, ter muito respeito e caridade. Devemos ouvir dez vezes mais do que falamos e, antes de falarmos, submetermos nosso pronunciamento aos crivos da verdade, da bondade e da beleza. E mesmo assim, orar aos bons Espíritos para que nossas palavras não sejam interpretadas erroneamente. Em suma, devemos falar pouco, na verdade apenas o necessário e trabalharmos muito.

Perante o movimento espírita a nossa postura deve ser a da prática do amor e da caridade. Praticar o serviço humilde ao próximo. Respondermos a ofensa com o silêncio. Praticarmos o perdão e a humildade diante da maledicência. Estes são ingredientes fundamentais e ausentes do nosso mundo.

Sigamos perante o Movimento Espírita a sábia recomendação do Mestre Jesus: “sejamos puros como as pombas e sinuosos como as serpentes”.

18- Perante o erro

O erro é uma constante na vida humana. Segundo alguns a própria definição de ser humano está ligado ao erro, pois errar é humano. Porém, muito mais do que o erro, devemos buscar o acerto; mais do que o mal, devemos buscar o bem. O erro, o mal, deve ser apenas um dos caminhos para chegar ao acerto, ao bem, e não o único caminho para chegar a este fim.

Devemos, primeiramente, eliminar qualquer sentimento de culpa diante do nosso erro. A culpa é uma pesada cruz que nós próprios nos impomos e que pode nos impedir de caminhar em direção à eliminação do erro.

Ao invés de carregar uma cruz busquemos os instrumentos necessários para consertar o erro, ou então, os instrumentos necessários para que não erremos mais. Ao invés de deceparmos as mãos assassinas, transformemo-nos em instrumentos de salvar vidas. Ao invés de aniquilarmos um cérebro maquiavélico, usemos a inteligência para construir a paz. Ao invés de utilizarmos a sagacidade para obter lucros explorando o próximo, usemos inteligentemente os recursos financeiros para eliminar a fome, o frio e a sede. Em suma, eliminemos a culpa e trabalhemos para consertar o mal feito ou o erro.

Em segundo lugar, quando o erro não é nosso, mas do nosso próximo, do cônjuge, filho, pai, ou do nosso amigo, presente ou ausente, busquemos não apontar o erro, demonstrando orgulhosamente nossa transitória superioridade, mas busquemos nos posicionar ao lado daquele que errou, seja ele quem for. Busquemos, então, não falar, mas demonstrar por exemplos o equívoco cometido e as formas de consertá-lo, burilá-lo, transformá-lo em bem, em acerto.

Assim fazendo, não só o ajudaremos como irmãos, como Jesus nos ensinou, mas estaremos praticando o amor.

Em suma, a postura que recomendamos perante o erro, perante o mal, perante aquilo que antes era chamado de pecado é o amor. Como já dizia Pedro, o apóstolo do Mestre: “o amor cobre uma multidão de pecados”.

19 - Perante as emoções

As emoções são as manifestações mais físicas dos sentimentos espirituais. Causam manifestações diversas no organismo físico do homem. A raiva, por exemplo, derrama adrenalina no sangue, provocando reações bioquímicas em diversos órgãos. O medo, a paixão e diversas outras emoções provocam efeitos semelhantes.

Interessa-nos quando assaltados pelas emoções observá-las e não reprimi-las. A postura da observação nos possibilita entender os seus efeitos no corpo e em nosso ser mais profundo.

Por meio do entendimento das emoções poderemos buscar suas causas mais profundas, em nosso Espírito, em nosso eu interior. Entenderemos, então, que o medo, o ódio, o pânico, o desdém, o preconceito, a raiva e todas as outras emoções, as paixões, que perpassam pelo nosso coração e, conseqüentemente, pelos nossos corpos, têm uma origem interna, profunda.

Através do entendimento e da percepção das emoções, do que elas nos causam, dos seus males e benefícios, iremos, vagarosamente, buscar aquelas que nos fazem caminhar em direção à perfeição, ao equilíbrio. E, vagarosa e naturalmente, eliminamos as causas daquelas emoções que nos levam à imperfeição e ao desequilíbrio.

O verdadeiro processo de espiritualização é um mergulho profundo no nosso eu interior, na busca das razões profundas daquilo que sentimos e porque sentimos. Por meio desta compreensão alcançaremos o tão buscado “conheça-te a ti

mesmo” e por meio dele a iluminação, a libertação.

Busquemos, então, perante nossas emoções, a observação e a compreensão do nosso eu interior, das suas causas profundas em nossos próprios Espíritos.

20 - Perante a oração

A oração é a manifestação explícita da lei de adoração no reino hominal. Ela não é feita apenas através de palavras em voz alta, mas por todo ato ou pensamento conscientemente enviado ao Criador.

Oramos, quando observamos extasiadamente a natureza e somos invadidos por um sentimento de graça. Oramos, quando nos compadecemos do próximo e socorremos, auxiliando, externando compaixão. Oramos, quando desejamos ardentemente o melhor para nós e para aqueles com quem convivemos.

Perante a oração devemos ser humildes. É impossível orar orgulhosamente, a não ser a falsa oração, feita para a exibição ou para mostrar dons intelectuais e capacidade de oratória. A prece imbuída de orgulho não chega ao Criador, porque ela não alcança senão o orgulho daquele que a profere. A humildade, juntamente com a fé, é o combustível que faz com que a prece alcance os mais altos planos da vida.

Devemos ter fé. Fé é a certeza daquilo que não vemos, a certeza na bondade do Criador. Esta certeza é capaz de transformar montanhas em planícies, de nos transportar para onde desejamos, de nos levar ao amanhã que ainda não existe.

A oração com fé e humildade chega aos ouvidos do Criador. Aliado a estes dois sentimentos devemos então buscar, através da oração, as energias que nos ajudam a vencer os obstáculos da vida.

Peçamos aos amigos espirituais, a Jesus e ao Pai Criador, as forças necessárias para vencer não apenas as contingências do planeta Terra, mas principalmente o mal que está em nós, porque a maior vitória não é obtida sobre os outros, mas sobre as nossas próprias deficiências. Esta deve ser nossa oração cotidiana.

21 - Perante os talentos

Chamamos de talentos as condições especiais que cada um de nós, Espíritos imortais, trazemos inatas em cada reencarnação.

Os talentos são formas pelas quais nos diferenciamos uns dos outros. São os talentos que nos tornam especiais. Porém, como na parábola de Jesus, muitos de nós enterramos os nossos talentos, por medo, orgulho, egoísmo e outros fatores externos. Quantos de nós não temos vários talentos enterrados? A postura de enterrar os talentos pode ser a mais cômoda e mais fácil, mas não é a melhor.

A postura que recomendamos perante nossos talentos é a mesma que recomendou o Mestre Jesus, é que os multipliquemos. Multipliquemos os talentos que possuímos, frutifiquemos. Façamos com que eles rendam cem vezes, mil vezes.

Se tivermos talento para conversar, que o desenvolvamos e o usemos para elevar os Espíritos amigos. Se temos talento para produzir belas paisagens gráficas, que produzamos! mas sempre de forma a elevar o homem ao belo, ao bem, à bondade. Se possuímos talento de tocar os sentimentos das pessoas, toquemo-los incentivando-as a burilar os próprios sentimentos, externando o que possuem de melhor. Se possuímos talento para multiplicar os bens materiais, que o façamos, mas de forma a multiplicar o bem, a bondade sobre a Terra. Se possuímos talento para a concórdia que buscamos-la então na prática, para fazer reinar a paz. Assim, cada um pode identificar os talentos dentro de si para multiplicá-los.

Mas saibamos que nossos talentos podem ser usados em conformidade com as

leis divinas ou, egoisticamente, contrário a elas. Saibamos discernir um do outro e apliquemos os nossos talentos para a construção da paz, da felicidade, da harmonia em nosso planeta Terra.

22 - Perante os vícios

Podemos chamar de vícios os hábitos que nos prejudicam, sejam eles psíquicos ou físicos.

Muitas vezes não conseguiremos superar os vícios graves sem ajuda de um profissional competente. Porém nenhuma ajuda externa, por si só, proporcionará sucesso se não houver uma disposição íntima para a cura.

Muitas vezes somente o amargo sabor das consequências nocivas dos vícios, sejam morais ou físicas, farão com que o viciado reúna forças para efetivamente se livrar do vício.

Perante o amigo que se conduziu neste caminho, devemos oferecer apoio sincero e deixar explícita a nossa intenção de auxiliá-lo, quando ele sincera e efetivamente quiser ajuda.

Se os vícios se encontram em nossos pensamentos ou, mais gravemente, se já materializaram em atos, oremos.

Oremos para que sejam aclaradas as consequências dos mesmos para o nosso Espírito imortal. Oremos para que Deus e os Espíritos benfeitores nos ajudem redobrando nossas forças, nos libertando das amarras que nós mesmos tecemos e procuremos ajuda profissional especializada.

Deus quer que nos libertemos do círculo vicioso e entremos nos círculo virtuoso.

23 - Perante as doenças

Consideramos a doença como uma enfermidade física ou mental persistente, que leva o Espírito encarnado a uma série de sofrimento e constrictões.

A doença nunca nos visita gratuitamente. Sempre é convidada, ainda que o convite seja feito antes do nascimento ou que seja feito de forma inconsciente.

Podemos, quando visitado por ela, indagar: como foi ela convidada”. Ou seja, quais as suas causas?

As aparências materiais de uma determinada doença não são suficientes para explicitar suas causas mais profundas. Estas últimas, só poderemos descobrir se entendermos que a doença é a cura. Significa dizer que a doença tem uma função muito específica nas leis naturais divinas.

A doença nos alerta para a direção correta que devemos trilhar. Trata-se de aviso divino: por aqui não, mude de rota.

Assim, recomendamos que diante da doença devemos buscar identificar que mensagem aquela doença específica deseja nos transmitir. Descobrimo a orientação, devemos segui-la, a fim de alcançar a cura definitiva.

24 - Perante a disciplina I

Entendemos como disciplina o bom uso dos meios para alcançar determinados fins. Porém, não devemos nos esquecer, que além dos meios e dos fins, há o grande princípio norteador que é o amor.

Sem o amor todas as disciplinas se perdem, meios e fins não fazem sentido. É o amor que dá sentido a eles.

Assim, nenhuma disciplina deve ser imposta sem o amor.

Todavia, disciplina não se impõe, principalmente aos outros. Podemos impor disciplina a nós mesmos e convém que não deixemos que a autoimposição da disciplina venha também ser por nós exigida dos companheiros que compartilham a existência conosco.

Se desejarmos impor a nós mesmos certas disciplinas, importa indagarmos se o amor fundamenta tal imposição, pois o amor não admite o uso da violência, seja aos outros seja a si mesmo.

Desta forma, válida é apenas a disciplina que não violenta, que caminha paulatina e gradualmente em direção ao fim pretendido.

Não forcemos demasiadamente a nossa natureza, porque todo excesso causa uma

ação igual e contrária.

Caminheemos passo a passo em direção ao objetivo. Mesmo que o caminho seja mais longo e mais demorado, será mais seguro e não causará grandes perdas.

Por que pressa se somos imortais? Caminheemos em passo seguro e firme em direção a nossa própria perfeição.

25 - Perante a tempestade

Denominemos tempestade às turbulências dos sentimentos e pensamentos. Comparemos essas turbulências com a tempestade física, onde a água, os ventos e a eletricidade também estão em turbulência.

Várias são as tempestades que atravessamos em nossa vida.

Quando filhos, são tempestades os relacionamentos com os pais.

Quando adolescentes, a tempestade decorre da confusão dos sentimentos, que ressurgem de vidas passadas em conflito com a educação recebida na infância, as transformações corpóreas e a implacável cobrança da sociedade.

Na juventude, são várias as tempestades: da formação profissional, da independência financeira dos pais, dos primeiros relacionamentos sexuais.

Na maturidade, não diminuem as tempestades, tais como constituição da família, da educação dos filhos etc.

Na terceira idade, quando pensamos estar livres das tempestades elas continuam. Sentimos o corpo desgastado, que não mais suporta a juventude espiritual. São os desafios que surgem e que devem ser enfrentados até o último dia da existência.

Finalmente, entendemos como tempestade muitas meses a passagem para outra vida.

Tempestades emocionais, sentimentais, intelectuais e físicas, devem exigir um procedimento de calma, de espera.

Assim como nos recolhemos em nossa moradia e aguardamos a tempestade passar, devemos também entrar dentro de nós mesmos e recorrer à segurança dos nossos fundamentos mais básicos, aguardando que a tempestade passe. Nunca devemos enfrentar e tomar decisões sérias em momento de tempestade.

Devemos aguardar a poeira baixar, o vento diminuir, a chuva passar e os raios abrandarem-se, para então, com mais sobriedade e prudência, envoltos por uma paz maior, tomarmos as melhores decisões e buscarmos o caminho mais apropriado para a nossa evolução espiritual.

26 - Perante o desencarne

Chamamos desencarne o processo de desvinculação definitiva entre Espírito e carne. O sair da carne, provocado pela morte do corpo, decorrente do esgotamento dos órgãos e sistemas que o constituem.

Envolvidos pela dimensão temporal, que na memória física cerebral inicia-se no nascimento e cujo termo é a morte, o fenômeno do desencarne frequentemente provoca terror, desespero e desesperança. Porém, para aqueles que se encontram libertos da dimensão terrena, muitas vezes denominada eternidade, e que não conseguem identificar no tempo o início e vislumbram o infinito, que por definição é sem término, o desencarne constitui apenas um momento de transição, no qual o Espírito - verdadeiro indivíduo, se liberta do cárcere que o aprisionava e limitava seus potenciais imortais.

Assim, como o verme se transforma quando se deixa destruir para fazer parte de outros seres da natureza, como a lagarta permite-se transformar-se em borboleta, também o ser humano encarnado, na transformação operada pela morte, transforma sua essência em Espírito imortal.

É neste momento que os sentimentos da fé, esperança e do amor devem ser evocados. A fé representa no presente aquilo que só será visualizado no futuro. É a certeza daquilo que se espera, já que ilimitadas a temporalidade do nascimento e morte, não conseguimos perceber a natureza do infinito. Somente a fé permite a todos infinitas oportunidades de aprender e Deus não deixará sem alimento o menor dos seres da criação. Finalmente, somente o amor, o maior de todos os sentimentos, na interpretação de Paulo e nos exemplos do Mestre Jesus, é capaz de cobrir uma multidão de pecados, como nos garante o apóstolo Pedro, é capaz de superar a morte. Pois o amor é o vínculo mais forte que o aço, mais duro que

o diamante, capaz de tornar Espíritos inseparáveis em suas ligações.

O amor que nos une numa vida nos unirá além dela, bem como em outras. Ele é o laço que nos sustenta, que nos alimenta e que nos leva à felicidade. Somente através dele poderemos tranquilamente superar todos os momentos, as dificuldades e dores, inclusive da morte, que é o momento fatal que todos nós atravessaremos.

27 - Perante as palavras

Palavras são signos da razão a representar as ideias e as concepções humanas. São como anzóis que buscam fisgar os peixes das ideias, dos conceitos.

Todas as palavras nascem da razão e da percepção. Tentam simbolizar o concreto e o abstrato, porém de forma nenhuma penetram no interior das coisas e dos pensamentos.

As palavras são imagens toscas, tentando representar o mundo, as ideias. Não podemos confiar nelas como expressão da verdade, daquilo que é. Já advertiram os profetas, os apóstolos, os santos, que a palavra mata e o Espírito vivifica. O Espírito é a essência, é o peixe que queremos fisgar com o anzol da palavra. Por isto, impõe-se que tenhamos muito cuidado em nossas discussões, nossas conversações. Tenhamos sempre consciência daquilo que falamos e daquilo que escutamos, uma vez que nem sempre as palavras representam de forma clara e límpida a realidade das coisas, dos pensamentos e muito menos das emoções e sentimentos.

A maior dificuldade da comunicação dos espíritos através do médium reside em que o Espíritos tem sua própria dificuldade em traduzir os pensamentos em palavras e, o médium, por sua vez, tenta captar a manifestação do Espírito e, por sua vez, traduzi-la para os ouvintes ou registrá-la. Assim, são dois filtros entre o pensamento original e a mensagem entregue aos destinatários, como se o peixe fosse fisgado por duas redes. Vale dizer que se a rede for muito larga, peixes miúdos escaparão. Os peixes miúdos, em nossa análise, são os pormenores do pensamento, as nuances, os detalhes que melhor descreveriam a realidade.

Comunicação, ação de tornar comum, de comungar pensamentos e sentimentos, só se faz possível através de um meio. Não basta apenas receptor e emissor, é necessário que a mensagem seja codificada e decodificada. E a comunicação através das palavras sofre a interferência da codificação do emissor e da interpretação do receptor (decodificação). Por isso, busquemos ser piedosos com as palavras alheias e cuidadosos com as nossas palavras, a fim de que elas possam sempre simbolizar o mais importante e essencial na comunicação, que é a fraternidade, a comunhão de pensamentos e sentimentos, a empatia, ou seja, o amor saindo de si em busca do outro. Sejam então nossas palavras fundamentadas sempre no amor.

28 - Perante as festas populares

Algumas festas populares, regadas a álcool e tabaco, como o carnaval na cidade do Rio de Janeiro, revelam não somente a alegria de viver, de ser jovem e de estar encarnado, mas principalmente a manifestação de todos os excessos da carne, do prazer transitório, da felicidade química induzida por drogas lícitas e ilícitas, da paixão descompromissada e irresponsável, do uso do corpo sem mensurar as consequências futuras e do uso do outro como objeto.

Se por um motivo ou outro, pessoal, familiar ou profissional somos obrigados a participar, devemos manter a mente em constante vigilância e oração, para que, como receptores e geradores vivos, não sintonizemos com as vibrações mais baixas e caiamos na “tentação” do prazer momentâneo e fácil.

Se nossos filhos queridos, parentes próximos e amigos participam, oremos por eles, a fim de que, mesmo à mercê de perigos diversos, possam ser eles protegidos pelos amigos espirituais que socorrem os Espíritos que por aí se acotovelam.

E, finalmente, se não vamos e se não possuímos ninguém querido que lá esteja, mesmo assim oremos e estejamos vigilantes. Peçamos pelas almas que lá estão, a fim de que não exagerem, estragando ou comprometendo a maravilhosa oportunidade da reencarnação. Vigiem também para que as vibrações que contaminam a cidade não adentrem os nossos lares, tumultuando nossas relações familiares e profissionais.

Muitas vezes, o que é tido como bom aos olhos da matéria, causa prejuízos ao

Espírito. A riqueza material nem sempre significa a riqueza espiritual. É necessário compreendermos que a maior comemoração possível é aquela que fazemos no íntimo do coração, que permite o sentimento de consciência tranquila e em paz pelo bem realizado, sentimento duradouro de felicidade que não causa nenhum mal.

29 - Perante a dúvida

A dúvida é o contrário da certeza.

A Certeza que, na aparência demonstra ser um bem, um objetivo a ser alcançado, esconde na sua essência um malefício, como o animal peçonhento que na sua beleza esconde o veneno mortal.

Quando acreditamos estarmos certos sobre determinado assunto, uma determinada posição, muitas vezes nos esquecemos de ouvir, de dialogar, de compreender uma opinião diferente daquela a qual achamos ser a verdade absoluta. Essa postura tem levado os espíritas, com relação à própria doutrina, a não ouvirem ou perceberem a opinião de seus irmãos protestantes, católicos, orientais e fiéis de várias doutrinas.

É a posição da certeza absoluta que tem estabelecido os vários dogmas de várias religiões. É na posição da certeza que os homens se separam, discutem, divergem e brigam entre si.

Por isso não devemos temer a dúvida. É a dúvida uma porta para a evolução. Quando duvidamos de nós mesmos é que nos abrimos para ouvirmos outras opiniões. Quando duvidamos sinceramente de algum conhecimento a respeito do qual antes estávamos certos é que possibilitamos a nós mesmos o verdadeiro crescimento. Não tenhamos medo diante da dúvida, pois ela nos abrirá as portas para novos e mais vastos conhecimentos.

Quando Sócrates, o pai da filosofia, afirmou que “só sabia que nada sabia” queria dizer que era a dúvida o princípio pelo qual se erguia a filosofia, etimologicamente, amiga da sabedoria.

Não é a certeza que nos traz sabedoria e sim a dúvida porém, ensinava Aristóteles que todo excesso é um mal. Assim, quem se excede está em erro. Não podemos duvidar de tudo a todo o momento, pois isso na verdade nos torna céticos e o ceticismo é irmão do niilismo.

O niilista e o cético encontram-se pairando no infinito do nada, sem poder se sustentar em nenhuma coisa.

Devemos guardar então, no íntimo do coração, como instrui o Espírito Emmanuel, a certeza na sabedoria do Pai Criador de todas as coisas. Esta é a verdade que devemos todos nos apoiar e dela não ousamos duvidar. Ela nos sustentará em todas as nossas dúvidas para real descoberta da felicidade.

30 - Perante as vicissitudes da vida

Poucos entendem o verdadeiro significado da palavra vicissitudes, traduzindo-a como o conjunto de vícios e dificuldades que ocorrem no projeto de cada vida humana. Porém, devemos entender “vicissitudes” como as contingências inevitáveis, externas e internas, do homem. Constituem as vicissitudes da vida tudo aquilo que não é possível ao homem evitar. São as inevitabilidades próprias determinadas pelo Criador.

Desta forma, existem as vicissitudes externas, que são aquelas provocadas pela natureza corporal, temporal e espacial, às quais o homem, quando reencarnado, está submetido. São as doenças próprias da matéria, tais como a velhice, a gravidade, o calor do sol, o cansaço e todas as demais consequências do estágio evolutivo na condição material.

Mas existe a inevitabilidade interna, que é a colheita de nossas próprias plantações. Somos livres para plantar, mas não para colher. Colhemos inevitavelmente aquilo que plantamos e essas vicissitudes também se manifestam em nós, sejamos encarnados ou desencarnados.

Podemos, então, perante essas vicissitudes internas ou externas, nos revoltar, maldizer a Deus, amaldiçoar a natureza, albergando dentro de nós sentimentos de ódio e outros da mesma categoria.

Podemos, porém, buscar o sentimento da resignação, que significa ressignificação. Ressignificar as vicissitudes, compreendendo as Leis Naturais Divinas, as Leis Morais, bem como o sentido delas em nossa vida, resulta em

aceitação e, aceitando-as, evoluiremos com elas à medida em que crescemos, aprendemos e superamos.

A melhor atitude, então, será sempre dentro do livre arbítrio, a capacidade de reação com consciência, paciência e compreensão.

31 - Perante os diálogos cotidianos

Todos aqueles que desejam seguir a proposta do Mestre Jesus, caminhando na senda do auxílio ao próximo, devem prestar atenção em si mesmos, principalmente nas diversas oportunidades que surgem todos os dias nos diálogos fraternos.

Muitas vezes usamos inadvertidamente essas oportunidades para nos exibirmos, para abusar do ouvido alheio com nossas exposições fantasiosas, reclamações, dores e mazelas. Ou até mesmo tecendo exageros, mentiras e críticas ferrenhas.

Observemos cuidadosamente nossos diálogos e perceberemos se estamos ou não seguindo a trilha do bem, de ajuda ao próximo.

Procuremos então em nossos diálogos primeiro ouvir, para sabermos o que dizer e o que não dizer, para saber ainda se nosso papel é o do silêncio, do abraço ou do olhar atento e carinhoso.

Após ouvir, invoquemos em nós a proteção do nosso amigo espiritual para que possamos doar em nossas palavras o consolo necessário, o reforço do sentimento. Carinho que o companheiro precisa, a fim de que possamos incentivá-lo a continuar, ajudá-lo enfrentar os desafios, afirmando que estaremos a seu lado.

Busquemos nas conversas sermos amigos, mestres, apoios. Seremos consolo e ouvintes, compartilhando.

Muitas vezes, a simples presença do nosso ser, em silêncio ou em palavras, é suficiente para dar a ignição e energias sublimes que poderão fazer com que nosso irmão vença todas as batalhas internas e externas.

32 - Perante as decisões

Após a conquista do livre arbítrio o Espírito imortal tem que decidir a todo momento sobre pequenas e grandes coisas. Necessita escolher sobre: o que alimentar; vestir; aonde ir; o querer; o que assistir; como aplicar seu tempo; o que estudar etc.

As grandes e pequenas decisões nos acompanham desde o momento que acordamos até o momento em que vamos dormir e mais ainda nos sonhos, nos desdobramentos, o mesmo ocorrendo após a separação da carne.

As decisões são, na verdade, os exercícios nos quais treinamos e descobrimos os limites impostos pela Lei Divina às nossas ações.

Assim como as crianças desafiam as ordens dos pais, para construírem a própria identidade, através das nossas decisões vamos construindo nossa identidade espiritual, evolutiva, moral.

Por isso, antes de cada decisão, pequena ou grande, devemos refletir, buscando o conhecimento e a intuição, para escolhermos com acerto. Usemos todo o conhecimento, principalmente aquele vindo dos grandes Mestres, que nos ensinaram os melhores caminhos: a escola do amor, da justiça, da felicidade e do diálogo. Todas elas nos auxiliarão a buscarmos o melhor.

Toda decisão é solitária porque ela pertence ao Espírito.

Busquemos sempre a integração entre o conhecimento e a prática, a fim de nos auxiliar na escolha do melhor.

33 - Perante as viagens de veraneios lazer e descanso

Muito oportuno ao espírita e ao Espírito reencarnado, que trabalha cotidianamente nas tarefas do mundo, da Doutrina e de si mesmo, destinar um período para viagens, a fim de se deliciar do lazer e do descanso.

Devemos aproveitar o justo tempo de descanso para buscarmos os verdadeiros princípios que nos levaram a começar a atual jornada, a vida atual.

Que o tempo de descanso e de lazer seja também uma oportunidade de reflexão, de leitura leve.

Que seja um tempo de compartilhar momentos, pensamentos, palavras e gestos com aqueles que amamos, com aqueles que dividimos a vida e, provavelmente, a viagem de descanso.

Busquemos fazer não só a viagem material, mas também uma viagem espiritual, de lazer e descanso.

A viagem espiritual poderá ser feita concomitantemente com a viagem material, mas não é absolutamente necessário, pois a primeira não depende da segunda.

A viagem espiritual de lazer e de descanso ocorre quando o Espírito propõe a si mesmo deixar o cotidiano e as tarefas rotineiras e dedicar-se às paisagens

profundas, reconfortantes e prazerosas, que se encontram dentro de nós mesmos, naquelas áreas onde há a ligação com o supremo Pai e com os Espíritos evoluídos.

Este mergulho pode ser feito diariamente, em qualquer momento de recolhimento, quando nos propomos a extrair de nossas fontes divinas as energias necessárias para compreender e bem viver no mundo.

Façamos e aproveitemos ambas buscando as forças necessárias para continuarmos nas tarefas que nos cabe no plano divino.

34 - Perante as importantes tarefas

É necessário entendermos que as tarefas importantes são, no geral, aquelas que demandam vários anos. Para terminá-las, faz-se necessário, via de regra, toda uma vida e, até mesmo, várias existências terrenas.

As tarefas substanciais para o Espírito, para o próximo e para o mundo, exigem planejamento, Espíritos capacitados e união, além de condições apropriadas para sua realização.

Quando uma tarefa é realizada em um pequeno tempo, geralmente é esquecida. A ela não se dá o devido valor, pois é breve, passageira.

O que importa então, para a realização das tarefas não é o entusiasmo do fogo, que tudo consome e logo se apaga. Não é o ímpeto de tudo se realizar de forma apressada e mal feita.

O mais importante é a perseverança, a fidelidade aos princípios norteadores da tarefa. É a persistência, a vontade de ferro que nunca se quebra, que nunca desiste. É a fé imorredoura e persistente que continua apesar de todas as dificuldades encontradas pelo caminho. Os Espíritos superiores, quando percebem pessoas, ou grupo de pessoas que tenham essas virtudes espirituais, neles investem porque essas pessoas são capazes de realizarem tarefas importantes e longas.

35 - Perante o outro que está em nós

Na complexidade da textura do Espírito podemos compreender que o ser humano não tem uma única personalidade, mas várias.

Essas várias personalidades encontram-se dentro do mesmo ser e dialogam entre si, na forma de tendências, vontades inconscientes, paixões e pulsões que levam o ser a pensar, falar e agir.

Muitas vezes não gostamos de alguns aspectos que se encontram dentro de nós mesmos, nas personalidades que ainda abrigamos. O que fazemos diante daquilo que não gostamos, mas que ainda permanece em nós?

A resposta nunca é o combate, a repulsão ou o ato de ignorá-las. Pelo contrário, é a postura que Jesus nos ensinou, a do amor.

Devemos amar não somente o próximo que não está em nós, mas também o outro que faz parte de nós.

Amando e observando, dando a devida atenção, este outro em nós, vagarosamente desaparecerá.

Ouvir e dar atenção, não é ser controlado e muito menos permitir ou fazer aquilo que não consideramos lícito ou bom para nós. É simplesmente respeitar as

emoções e os desejos, que muitas vezes vêm de passados longínquos ou da educação recebida nesta e em outras existências, mas que não nos interessa repetir.

Amemos o diferente em nós. Amemos e prestemos atenção nas insurgências que irrompem dentro do nosso ser, para que possamos melhor nos compreender e, nos compreendendo, sermos mais coerentes, mais felizes e autênticos.

36 - Perante a Língua Comprida e Ferina

Por mais comprida que seja a língua, só nos ferirá se sintonizarmos com as vibrações, com os sentimentos e com as palavras emitidas.

O discípulo de Jesus ouvindo não sintonizará com qualquer idéia pessimista de maledicência, de calúnia que nos envolva com energias perniciosas e negativas, pelo contrário, o discípulo do Mestre, assim como Ele, será assertivo dizendo sim ou não, de acordo com as circunstâncias.

Buscarão sempre palavras nobres, enaltecidas, palavras que elevem, palavras de sublimação ou até mesmo, quando necessário, o silêncio. Porque muitas vezes, o silêncio é mais forte que todas as palavras.

A postura, o pensamento, as palavras e o silêncio do discípulo de Jesus serão sempre comprometidos com a verdade, produzindo as sementes do bem que, com certeza, frutificara.

É com muita alegria que nós, companheiros, irmãos, do lado imaterial, do lado de cá, do outro lado da vida, nos submetemos ao planejamento elaborado e ficaremos felizes de podermos colaborar, no sentido, de fazer que cada reunião, que cada momento de estudo e confraternização seja momentos de elevação espiritual, momentos de reflexão e de possibilidade de uma maior compreensão dos valores imortais da verdadeira vida.

Contem sempre conosco porque estaremos sempre com vocês, auxiliando da

melhor forma que pudermos.

Que a paz do Mestre esteja sempre conosco nos preparando para todos os desafios da vida.

37 - Perante as Atividades Espíritas

O pensamento dos Espíritos superiores, coordenados por Jesus, o Mestre dos Mestres, se materializou na forma do Espiritismo e se realiza no Brasil e em outros países como um movimento espírita organizado. E as pessoas neste movimento se organizaram nos núcleos, em centros e entidades formais e informais que buscam colocar em prática na sociedade humana os preceitos ensinados.

Dentro dessas organizações e mesmo fora delas, abrem-se extraordinárias oportunidades de trabalho para o Espírito encarnado e para aquele que se determina espírita.

A organização espírita pode ser imaginada como uma pequena cidadela na qual entramos por uma de suas portas. Existe a porta da dor, que leva para dentro milhares de seres que agonizam em dificuldades diversas, que afligem tanto o corpo quanto a alma. Existe também a porta do amor, pela qual poucos indivíduos, já preparados pelas dificuldades diversas, entram buscando oportunidades de servir.

Mas, a porta que indicamos é a porta do trabalho ou das atividades espíritas. Porta essa que o discípulo do Mestre deve procurar por livre vontade, conscientemente, se deseja evoluir, pois cada atividade de trabalho, fornecida pelo movimento espírita é uma oportunidade única de crescimento espiritual para aquele que decide aproveitá-la.

Da campanha do quilo às campanhas de caridade diversas, dos eventos de

arrecadação de recursos, jantares, bazares, atividades de instrução, palestras, grupos de estudos, passes, atendimento espiritual, recepção das pessoas e uma diversa gama de atividades são fornecidas para que, aquele que deseja trabalhar, o faça de forma voluntária.

Perante todas as atividades, deve o discípulo sincero aprender a servir e, servindo, saber-se servidor do Mestre Jesus. Aprender a servir, percebendo em cada atividade, da mais humilde àquela considerada mais nobre, oportunidade de aprendizagem que nos disponibiliza o Mestre. Não aprendamos segundo os olhos do corpo, mas com os olhos do Espírito, buscando o aprimoramento de nossas virtudes espirituais.

Saibamos então aproveitar as oportunidades que constantemente nos oferece o Mestre Jesus, através das instituições das quais participamos.

38 - Perante as discórdias e polêmicas

O discípulo do Mestre, guiado pela sabedoria fundada no amor, deve ser cuidadoso, tolerante e muito sensato perante as discórdias e as polêmicas que surgirem em seus grupos de convivência, sejam eles quais forem: religiosos, profissionais ou sociais.

Muitas vezes, nos debates acalorados exaltamos o ego e nos esquecemos da compaixão e da misericórdia, da bondade e da paciência. Passamos da agressão verbal para a violência física, incompatível com os preceitos do Mestre.

Deve o discípulo sincero perguntar-se quais os frutos colhidos das polêmicas muitas vezes inúteis; das disputas das quais ninguém realmente é vencedor; da luta inglória de egos para ver quem sabe mais ou para se descobrir quem tem razão.

Razão tem aquele que tiver maior sensatez, maior equilíbrio e que não deseje na verdade convencer ninguém. Mas que deseje ser convencido pela verdade, que com o tempo, mais cedo ou mais tarde, resplandecerá como grande luz, iluminando todas as ideias que não estejam em coerência com ela.

Por que deve o discípulo sensato tentar convencer o outro de qualquer princípio ou conceito que ele ainda não esteja preparado espiritualmente para receber.

Se, mesmo Jesus em toda sua glória, virtude, conhecimento e amor não conseguiu convencer a todos de sua proposta iluminada de amor e

conhecimento, quem somos nós para convencer a todos de nossos pontos de vista, ainda relativos e falhos?

O verdadeiro discípulo do Mestre, perante discórdias e polêmicas, deve se orientar pelas máximas da oração, vigilância e não julgamento do próximo.

39 - Perante as relações cotidianas com nossos familiares

O espírita, como discípulo iluminado das virtudes cristãs, entende o verdadeiro sentido da família na realidade material ou reencarnatória. Para ele a família é o grande laboratório onde a alma exercita e experimenta o amor em pequenos círculos a fim de, posteriormente, ampliá-lo para toda a humanidade.

Nas relações cotidianas e íntimas do seio familiar é comum que a rotina e a mesmice atrapalhem, permitindo a exteriorização daquilo que há de pior em nós. Ressurgem antipatias de passado remoto, dificuldades de convivências, individualismos, egoísmos e outros vícios morais que ainda não conseguimos superar.

Muitas famílias perdem-se no caminho da Terra, permitindo que o erro do passado volte a se manifestar, destruindo o planejamento feito na realidade espiritual, antes mesmo do nascimento.

O discípulo sincero, orientando-se pelo objetivo da família, deve vigiar-se para que o convívio rotineiro e as dificuldades do dia a dia, financeiras, sociais, morais, culturais e econômicas não o desviem do sentido e dos objetivos da existência da família.

O foco no autoburilamento, na prática do respeito, da melhoria contínua da comunicação, na superação das diferenças através da compreensão e na ressignificação, deve ser um trabalho diário, interior e exterior, para a continuidade e conquista da felicidade.

A família é o grande eixo norteador do Espírito, responsável não só pelo encaminhamento dos Espíritos reencarnantes numa nova proposta, como também, pelo apoio aos Espíritos rebeldes a fim de se reconciliarem com Deus, consigo mesmos e com o outro, transformando ódio em amor, isolamento e solidão em carinho e compreensão, apatia em consideração e respeito.

40 - Perantes as aflições íntimas

Nós, espíritas, herdeiros das tradições cristãs, dos valores do Evangelho e da sensatez fundamentada na ciência, devemos encarar as aflições que nos chegam cotidianamente de forma sensata e pragmática.

Primeiro, devemos estudar a aflição e estudar-mo-nos, a fim de verificar se não se trata de uma ilusão da própria mente, posto que muitas aflições decorrem da ansiedade e do medo do futuro, medo do que, muitas vezes, sequer ocorrerá. Somos, então, afligidos por nós mesmos e quase sempre inutilmente.

Em segundo lugar, devemos analisar se a aflição não é temporária e superficial comparada com a imortalidade dos nossos Espíritos; se não estamos supervalorizando um fato que não é, para nós, Espíritos imortais, insignificante, temporário e exterior, caso em que estaremos a sofrer além do necessário, segundo as necessidades da própria vida material que a impôs.

E, finalmente, se analisarmos essa aflição e percebê-la de natureza real, íntima e espiritual, devemos mirar nos exemplos do Mestre Jesus e nos seus ensinamentos, desenvolvendo a esperança e a fé.

A esperança, advinda das próprias leis divinas, que afirmam a perfectibilidade de cada ser humano, de cada Espírito e a fé na certeza de que não estamos sozinhos e de que Espíritos benfeitores, nossos familiares espirituais, velam por nós e não nos deixarão sozinhos, nos darão a necessária serenidade para bem suportarmos as aflições.

Fortalecidos na fé e na esperança, atravessaremos todas as aflições e sairemos vitoriosos sobre as sombras, alcançando, então, o prometido reino do Mestre, reino de paz consciencial.

41 - Perante o orgulho e os orgulhosos

Nós espíritas, como investigadores de nós mesmos, construtores da própria evolução, que buscam a luz, discípulos do Mestre Jesus, devemos agradecer quando a Misericórdia Divina colocar ao nosso lado, ou na nossa frente, uma pessoa orgulhosa, vaidosa, ou um ser de difícil relacionamento social.

Porque é nessa oportunidade que, estudantes de nós mesmos, poderemos reconhecer dentro do nosso próprio Espírito as nossas próprias dificuldades, nossas sombras, nossas vaidades ou nosso próprio orgulho.

Não reconhecemos no outro aquilo que não possuímos, no presente ou no passado.

O orgulhoso desperta em nós o orgulho. O achamos insuportável, porque o orgulho ainda permanece em nós. O confronto com o orgulhoso será para nós excelente oportunidade para identificarmos as razões porque esses seres ainda causam tanto desconforto à nossa própria pessoa.

Se já houvéssemos conquistado a humildade e a serenidade, teríamos compaixão e buscaríamos auxiliar-lhe sem magoar-lhe, sem ferir-lhe, a fim de que possa ele vis a ter percepção do próprio estado doentio em que se encontra.

Assim sendo, devemos buscar em nós o orgulho que ainda não admitimos presente em nossos Espíritos, despertados pelos orgulhosos, para que, pela compreensão, possamos eliminá-lo através do autoperdão, transformando-o em

sentimentos mais nobres: caridade e amor.

42 - Perante o “não”

Todos nós, Espíritos, evoluídos ou não, reencarnados ou não, limitados pelas condições da matéria - do espaço e do tempo -, ou livre delas, ou seja, limitados pelas condições conscienciais, somos apresentados, ainda que não queiramos, a diversas negativas do Universo: dos superiores, dos pais, dos filhos, dos amigos, dos cônjuges, dos amados ou dos inimigos.

A negação na forma contundente de um “não” está presente seja na vida material, relacional, familiar ou amorosa. O “não” deve ser recebido pelo Espírito sensato como uma lição, como um desafio, como uma oportunidade de ressignificar os desejos, a visão de realidade e os valores.

Devemos encarar cada “não” que recebemos analisando sua origem e os benefícios que trás para cada um de nós.

Pode ser um incentivo à nossa inteligência, para que a desenvolvamos e superemos os desafios apresentados pela negação.

Pode ser um emissário da desilusão, porque julgamos mal e não compreendemos bem o nível evolutivo daquele que nos apresenta o seu sincero “não”.

Pode ser também a ação do pensamento divino, das divinas leis, mostrando ao Espírito os limites sensatos para o livre arbítrio, da mesma forma que dizemos “não” às crianças sob nossas responsabilidades, porque sabemos que seus desejos infantis podem lhes prejudicar e, como pais amorosos, preferimos

frustrar o desejo, que prejudicar-lhes a saúde, a segurança física ou emocional.

Cada “não” que recebemos merece reflexão, autoconhecimento, superação, discernimento, afirmação e resignificação, como em tudo que Deus utiliza como instrumento de nossa própria evolução.

43 - Perante as mudanças

Aqueles que buscam o desenvolvimento de todas as suas potências espirituais, devem observar as mudanças com o necessário cuidado, a fim de perceberem se são realmente mudanças ou apenas novidades efêmeras. Neste último caso, as aparências e sensações mudam rapidamente, mas a essência permanece a mesma, sem mudanças reais, o que em nada contribui para nossa evolução espiritual.

No entanto, o Espírito se reencarna para mudar e para provocar mudanças. É importante buscá-las, reconhecê-las e implementá-las em si mesmo.

As mudanças são importantes para nos tirar da comodidade dos velhos hábitos e preconceitos. Para destronar a certeza do “certo”, que é certo somente para nós mesmos; da verdade verdadeira, que só vale para nós mesmos.

É necessário evoluir. Como dizia o poeta, velejar para conhecer novos mundos possíveis:

- dentro do nosso próprio interior.

- na convivência do outro, com outros Espíritos.

- nas infinitas possibilidades de fazer o bem, de amar, de conquistar o melhor

que se encontra dentro de nós.

Experimentemos o novo verdadeiro, a verdadeira mudança, que começa sempre de dentro, para depois expandir-se para fora.

44 - Perante o sim

É importante buscarmos ouvir e ver como o Mestre ensinava o “sim” que Deus nos dá a todo momento, em todos dias de nossas vidas.

Porque somos afetados pelos “nãos” que recebemos e muitas vezes necessários, mas, não somos capazes de perceber os infinitos “sims” que recebemos cotidianamente do Criador e daqueles com quem convivemos conosco.

O ar nunca nos diz “não” e sempre que o requisitamos dizendo “sim” entra em nossos pulmões, oxigena nossas células e energiza nosso corpo físico. Não percebemos e não agradecemos pelo dom da respiração que todos temos.

O sol dizendo “sim”, se ergue esplendoroso em cada manhã, nos fornecendo calor e luz, a fim de aprendermos amar em plenitude. Mas não agradecemos sua generosidade.

A natureza é prodiga em nos dizer “sim”.

Quantas possibilidades invisíveis aos nossos olhos, inaudíveis aos nossos ouvidos, dizem “sim” e nós passamos adiante, ignorando as oportunidades e as potencialidades, porque não percebemos, não estamos atentos e porque, egoisticamente, desejamos aquilo que não estamos preparados para receber.

Busquemos o “sim” inaudível, invisível. Aprendamos as lições da natureza.
Aqueles que tiverem ouvidos, que ouça e, que tiverem olhos, que vejam.

45 - Perante o livre arbítrio dos outros

Um dos grandes desafios da vida, ou seja, do projeto reencarnatório do Espírito, é lidar com o livre arbítrio do outro. Talvez seja esse o maior de todos os desafios. É nele que exercitamos as nossas percepções e a nossa inteligência.

Impossível em breve dissertação explicitar todas as nuances do nosso comportamento diante das possibilidades quase infinitas da ação de liberdade permitida a cada Espírito nos mais diversos graus de evolução espiritual.

Variam de acordo com nossa posição ou nosso papel enquanto encarnados: se somos pais ou filhos; se maridos ou esposas; se subordinados ou autoridades.

Variam de acordo com a avaliação moral do ato, em conformidade com nossa cultura e concepções éticas.

Variam desde uma atitude de respeito, de advertência, de não conivência, de aconselhamento, de silêncio, de discurso, de influência.

Miremo-nos nos exemplos que o mestre Jesus nos deixou e que narraram seus discípulos evangelistas:

Do perdão: “não te condenaram, Eu também não te condeno”;

da advertência: “vá e não peques mais”;

da prece “perdoa-os Senhor, porque eles não sabem o fazem”;

da caridade: “que queres que Eu faça?”;

da humildade: “me chamais de mestre e senhor, Eu o sou. E se Eu, que sou Mestre, lavo vossos pés, não deveis também vós, lavar os pés uns dos outros?”

Sigamos os diversos exemplos que o Mestre dos mestres nos legou em sua curta passagem entre os encarnados.

46 - Perante os princípios e valores

A diversidade e a evolução são Leis Divinas eternas, que nos envolve a todos de forma definitiva, fatal e absoluta.

Podemos acreditar equivocadamente que nossos princípios e valores são também eternos, perenes, fatais ou absolutos. No entanto, somente a Lei Divina o é.

Temos que adotar uma postura de humildade intelectual e sentimental para aceitarmos as mudanças necessárias à evolução do Espírito.

Não sigamos o exemplo de Saulo, cidadão romano que nasceu em Tarso e que, apegado aos valores tradicionais, combateu duramente novos valores, maiores e mais amplos, que um dia viriam a englobar os seus, mas sigamos o exemplo de Paulo, o pequeno fruto renovado daquele antigo Saulo, que, de joelhos, humildemente aceitou novos e mais amplos valores, que transformaram sua vida e o levou a tão alto que até hoje lembramos dele.

Saibamos abrir mão daquilo que nos é mais caro, e no seu lugar coloquemos algo mais sublime.

Estejamos abertos para que através da inteligência e percepção aceitemos a Lei Divina, esta sim, absoluta, definitiva e fatal.

47 - Perante as Faltas e Ausências

É por sabedoria que a vida sobre o planeta Terra é plena de faltas e de ausências. Falta de coisas materiais, ausência de pessoas e o quê elas representam.

Deus nos permite as faltas e as ausências porque ainda não sabemos viver com a plenitude e em plenitude.

Somente convivendo e sofrendo com as ausências e faltas é que realmente entenderemos o valor das coisas mais simples e das pessoas mais significantes.

Com o tempo compreenderemos o valor da gratidão, do reconhecimento de tanta coisa que este universo, que existe sob o desígnio divino, nos fornece a cada dia.

Com a gratidão, o reconhecimento da bondade e da justiça, a misericórdia e o amor de Deus por nós, caminharemos em direção ao sentimento de felicidade, por termos muito mais do que seria necessário.

As ausências e as faltas nos ensinam, ao reconhecer e ao ser grato, a tudo aquilo que, sem a falta e sem a ausência, não saberíamos.

Assim como a noite é necessária para que reconheçamos a luz do dia; como a pobreza é necessária para que reconheçamos o valor da riqueza; que o frio é necessário para reconheçamos o valor do calor; as faltas e as ausências são

necessárias para que reconheçamos o valor das coisas e das pessoas que são o mínimo material e consciencial necessário para que sejamos felizes.

A felicidade não está no supérfluo e nem no exagero, mas na compreensão do nosso sentido no mundo, e na vivência plena da nossa missão.

Agradeçamos então pelas faltas e pelas ausências que nos permitem a gratidão pelas tantas presenças e pelo tanto que sempre temos em todos os dias, em todas as vidas e na imortalidade.

48 - Perante nossas certezas

Assim como diante dos nossos valores, devemos ser muito cuidadosos diante das nossas certezas.

É muito fácil criarmos para nós mesmos certezas que nos parecem absolutas e, fundamentados nelas, agirmos acreditando-nos absolutamente certos.

Temos certeza no julgamento da personalidade do outro, baseado naquilo que ele já fez. E, muitas vezes, essas certezas são apenas preconceitos mascarados.

Temos certeza que tal acontecimento é uma mensagem divina para nós e, muitas vezes, apenas observamos esse fato porque ele, ainda, está dentro de nós.

Muitas vezes, temos certeza que estamos agindo certo sem refletirmos com profundidade, olvidando-nos de nos colocarmos no lugar do outro.

O verdadeiro cristão, seguindo o princípio da humildade, deve desconfiar de si mesmo. Desconfiar de suas certezas e estar pronto para aprender cada vez mais, conhecer sempre mais; não julgar e ampliar cada vez mais as suas certezas, entendendo que elas são sempre temporárias, culturais, dependentes da evolução espiritual e que, de definitivo e absoluto, só existe a Lei Divina que comanda todo universo e nossa própria evolução.

Agindo assim estaremos evoluindo mais rápido, porque não estaríamos blindados a qualquer novo conhecimento, a qualquer nova proposta que nos faça crescer e sair dos próprios limites impostos por nós mesmos quando temos certezas absolutas.

49 - Perante nossos “filhos” 2

Será que nossos filhos são realmente nossos? Somos seus proprietários, temos realmente a posse dos seus corpos, seus Espíritos, seus planejamentos reencarnatórios? Será que temos o mínimo poder diante do livre arbítrio conquistado por eles conforme as leis divinas? Como diria o poeta: “nossos filhos são, na verdade, filhos da ânsia da vida pela própria vida”. São, tais como nós, filhos de Deus e, portanto, nossos irmãos.

Por que será que, em atitude chocante, o Mestre, modelo para todos nós, perguntou à assembléia: “quem são meu pai, minha mãe, meus filhos, meus irmãos?” Já pensamos por acaso que aquele estranho que cruza nossos caminhos, nas esquinas da rua, na sarjeta, no emprego, no clube, poderia ter sido seu filho em outra existência terrena?

Já pensamos em quantas centenas de filhos tivemos em milhares de vida? O que são realmente os laços consanguíneos perante a eternidade?

Pensando assim podemos refletir: o que são realmente “nossos filhos”? São Espíritos como nós próprios, entregues ao nosso cuidado para que como pais possamos, através do exemplo e dos ensinamentos, encaminhá-los da melhor forma possível.

Assim sendo, devemos nos esforçar ao máximo, enquanto pais e mães, para exemplificar a paz, a saúde e o sentido da vida, a fim de possam eles próprios, quando adultos, caminharem sozinhos.

O sentimento que deve nos animar em relação aos filhos, aos pais, aos parentes e ao próximo é o verdadeiro amor ensinado por Jesus. O amor sempre presente, que auxilia, instrui, que caminha ao lado, incentiva, mas não carrega, não dá tudo, não o substitua, que os permita passarem pelas experiências necessárias à evolução espiritual.

O pai que não permite aos filhos sofrerem, cáírem, machucarem-se, não sabe educar. Se o Pai criador de todas as coisas, Suprema Justiça e Bondade, nos permite sofrer para que aprendamos e crescamos, por que nós, pais humanos, desejamos que “nossos” filhos, que não são nossos, eximam-se do pseudo sofrimento, da vacina que nos imuniza de sofrimentos maiores?

Possamos amá-los, auxiliá-los, incentivá-los, mostrar-lhes o caminho e dar-lhes o exemplo, mas que sejamos capazes de deixá-los caminhar pelas próprias pernas.

50 - Perante o dia

Ao se levantar, no amanhecer de cada dia, numa reverência ao Criador, em agradecimento à nova oportunidade que se plenifica na luz e no calor do sol, que persistentemente aparece indicando a presença da lei; devemos agradecer, bem como para louvarmos, respirarmos fundo e caminharmos corajosamente, aproveitando cada oportunidade que nos é proporcionada, seja nas relações pessoais, no trabalho, na família, em suma, na escola da vida, para o crescimento e o exercício do amor, bem como para a autocompreensão, a transformação. Para que, ao término do dia, desfrutemos da auto-estima, da satisfação de ter vencido o mundo, de ter melhorado o quanto possível, de ter aproveitado todas as oportunidades, de ter realizado o bem, de não ter praticado o mal.

Ao despedir-se do sol, novamente agradecer por mais um dia, por mais uma oportunidade, pela possibilidade de relacionar, de viver e de crescer.

51 - Perante a noite

Podemos pensar que a noite que se anuncia seja a última de nossas vidas ou do nosso livro. Mas a noite, assim como o dia, é passageira. Ela sinaliza para nós a oportunidade do desconhecido, uma vez que a noite para o Espírito é um treino para a morte.

Devemos nos preparar para ela porque paralelamente ao descanso corporal, em desdobramento, adentraremos no reino do Espírito e lá aprenderemos, estudaremos, refletiremos, nos relacionaremos, retornando em seguida para as tarefas do dia seguinte.

A noite representa para nós, muitas vezes, o medo do desconhecido, sendo imprescindível coragem e fé a fim de que tenhamos plena certeza que no novo dia, na nova manhã, quando o sol nascer, estaremos renovados. As forças estarão restabelecidas para, novamente, enfrentarmos a nós mesmos nos desafios e nas oportunidades que cada dia nos oferece.

Assim, aproveitemos sabiamente as noites para agradecer o dia que finaliza, refazermos nossas forças, refletirmos e nos restabelecermos para a continuidade da vida, física e espiritual.

52 - Perante as Portas

O Mestre ensinou que é estreita a porta que leva à salvação ou, na linguagem espírita, à evolução, e larga, portanto mais atraente, a porta que nos leva à queda e ao fracasso. No entanto, faz-se necessário considerar que, frequentemente, na atualidade, as portas largas se fazem de estreitas e as estreitas são tidas como largas.

Explicamos. No mundo de hoje, o que parece ser não é e o que é muitas vezes não parece ser. Não raras vezes julgamos o outro pelas aparências, por aquilo que conseguimos perceber, sem conhecê-lo em sua essência.

Acreditamos, algumas vezes, que a porta larga seja a porta da riqueza, mas ocorre frequentemente da porta da riqueza ser estreita, para aqueles que, não se vergando ao poder da fortuna, permanecem humildes. A porta estreita, que poderia ser tomada como porta da pobreza, muitas vezes não o é, podendo ocorrer que ela, por si só, não proporcione ao Espírito encarnado as experiências necessárias para que, de posse do seu livre arbítrio, decida pelo melhor.

Muitas vezes, festas, carnavais e possibilidades de abusos são consideradas portas largas. Mas se olharmos bem, aqueles que tiverem essas oportunidades e mesmo assim, cômicos do imperativo da moral, optar pela moderação, pelo equilíbrio e pela paz interior, estarão adentrando pela porta estreita da ética.

Muitos julgam que o poder também é uma porta larga, mas aqueles que exercerem o poder para o bem, visando o bem estar da maioria, realizando as propostas de amor na Terra, caminham pela porta estreita que Jesus falava.

Então, diante das portas que nos são oferecidas pela diversidade e magnitude divinas em Sua bondade e justiça, antes de perguntarmos se aquela é uma porta estreita ou larga, perguntemos o que podemos fazer com aquela oportunidade, a fim de que a porta seja então um instrumento de evolução, de prática do amor, de solidariedade.

Enfim, a oportunidade, seja ela qual for, pode ser transformada em “porta estreita”, ou seja, em trampolim para evolução individual, social e planetária.

53 - Perante as Pegadas

Pegadas são os rastros deixados nas paisagens por aqueles que caminham.

Há pegadas em terrenos fofos, que se mostram profundas, marcantes. Há pegadas sobre pedras, quase que invisíveis. Há pegadas feitas de formas ágeis. Há pegadas lentas.

O nosso corpo é marcado pelas pegadas daqueles que caminharam por nossas vidas. Há pegadas profundas que nos marcaram e que marcarão por toda a eternidade. Há pegadas fugazes, das quais até nos esquecemos.

Mas, no terreno do coração e da mente há uma diversidade tão grande de pegadas e todas elas, sem que as percebamos, fazem de nós o que somos.

Somos constituídos das pegadas dos outros em nós, mas além delas somos conscientes, livres e auto determinantes e podemos fazer aquilo que quisermos daquilo que fizeram conosco.

Não somos livres para refazermos as pegadas, mas somos livres para fazer as nossas próprias pegadas no mundo, nos corações e nas mentes daqueles que compartilham conosco a oportunidade da vida.

Deixamos nossos sinais, nossa influência e nossa presença na vida dos nossos

filhos, nossos amigos, daqueles que se fizeram próximos de nós.

Que nossas pegadas sejam firmes, sólidas e coerentes. Que sejam exemplos lembrados com alegria, admiração e saudade, por parte de todos aqueles que conviveram conosco.

54 - Perante os códigos de ética

No mundo nos são apresentados vários códigos de ética: o da família, apresentado desde os primeiros momentos da reencarnação; o religioso, apresentado nos momentos que adentramos para determinada religião; o profissional, quando escolhemos determinada profissão.

Recebemos ainda uma diversidade de códigos de ética: dos pais, sociais, culturais etc. Mas, o verdadeiro, único e universal, ao qual devemos efetivamente seguir, é o código divino, que está impresso em nossas consciências, nos corações, explicitado pelo Mestre dos Mestres, na famosa regra de ouro “fazer ao outro o que gostaríamos que nos fizessem”.

Assim, no íntimo do nosso ser devemos sempre refletir o que Jesus faria se estivesse no nosso lugar. Ou ainda, o que gostaríamos que o outro fizesse por nós neste momento.

Agindo assim, mesmo que erremos, nos confundamos e, sem querer, prejudiquemos alguém; ainda que tomemos decisões erradas por nos faltar as informações necessárias para escolher corretamente; se nos esconderam fatos; nos enganaram ou, por descuido, escolhemos errado; mesmo assim, nos pautando pelo código de ética divina, teremos a humildade de assumirmos e respondermos pelos nossos erros. Porque em nenhum momento erramos deliberadamente, porque ninguém erra por querer.

Mesmo que consequências ruins advenham dos nossos erros, culpas, arrependimentos e ressentimentos nunca nos aterrorizarão, porque estaremos

com a consciência em paz de sempre ter realizado o melhor que podíamos.

55 - Perante a Ansiedade

Importa compreendermos que a ansiedade não é real. Ela é um estado mental decorrente de nossos desejos, do nosso ego, porque ainda não entendemos as profundas e enigmáticas interações de todas as coisas da natureza e os seres humanos.

Queremos muitas vezes aquilo que acreditamos ser melhor para nós. Todavia, sabemos mesmo o que é melhor para nós?

Muitas vezes, ficamos ansiosos para ganhar o ouro e ele é o motivo de nossa perdição.

Outras vezes, lutamos para conquistar o poder e será exatamente o poder a razão da nossa solidão e decepção.

Outras vezes, nos fazemos ansiosos pela conquista de nossas paixões e serão elas os motivos da nossa ruína.

Observemos a natureza porque ela nos dá exemplos de beleza e de confiança na sabedoria e na harmonia que rege todo o Universo.

O rio corre na sua velocidade e não adianta nem apressá-lo, nem tentar coibir sua vazão natural. Os pássaros, no inverno, se ativam em uma trajetória sem ideia do

fim. No entanto, confiantes, seguem a sua viagem conforme as ordens da natureza.

Somente o homem que, conquistando a individualidade, se esquece que é amparado, de que não está sozinho e de que sua vida é regida por infinitas teias de ações e reações que o levarão sempre a um determinado fim, planejado, concebido para sua evolução espiritual.

Perante a ansiedade, desenvolvamos a confiança, porque a certeza de que acontecerá sempre o melhor nos proporcionará uma paz indescritível, além de noites de tranquilas de sono.

56 - Perante as incontinências

São muito comuns as diversas incontinências que afetam o corpo físico, causando a seus posseiros provisórios vários constrangimentos.

No entanto, passamos despercebidos das incontinências psíquicas ou da alma.

A incontinência de falar. Aquele que não sabe o valor do silêncio e a hora certa de calar, frequentemente fala o que não deve, o que não é recomendado e muitas vezes as palavras magoam, ferem e violentam.

A incontinência reclamatória. Aqueles que não sabem parar de reclamar, que lamentam por tudo, não percebem as dádivas com que Deus os presenteia cotidianamente.

A incontinência de sempre falar mal dos outros, presentes naqueles que veem em tudo e em todos apenas os erros e as faltas, não percebendo o bem e os valores que todos nós possuímos.

Várias incontinências psíquicas ou da alma afetam a maioria dos encarnados que não se apercebem disso, gerando consequências piores do que aquelas decorrentes das incontinências físicas.

Da mesma forma que buscamos o tratamento e o controle dos desequilíbrios

físicos, devemos também buscar o tratamento e o equilíbrio dos problemas psíquicos ou da alma.

57 - Perante a Disciplina II

Muitos entendem a disciplina apenas como sacrifício, mas, pelo contrário, a disciplina é o uso da vontade sobre o desejo, a razão sobre a paixão, o livre arbítrio sobre o determinismo.

O Espírito humano, complexo, multimilenar, que possui múltiplas personalidades, tendências positivas e negativas, experiências desditosas e fracassadas, deve utilizar do discernimento, no presente, para fazer sempre a melhor escolha.

Assim, a vontade orientada pela razão, pelos nobres princípios, pelas virtudes espirituais, deve sempre se sobrepor ao desejo, mormente quando este último estiver tutelado pelos instintos grosseiros, imediatistas, materialistas, capitalistas, aparentes e temporários da atualidade terrena.

A disciplina representa o ser consciente de si mesmo, escolhendo diante de diversas opções a melhor parte, o que lhe proporciona a felicidade e a certeza de bem cumprir sua missão.

58 - Perante o Sacrifício

A maioria das pessoas não entende o verdadeiro sentido do sacrifício ou do “sacrificar-se”.

A palavra significa: tornar sacro ou tornar sagrado. No seu sentido profundo é doar-se ao Divino, ao belo, ao natural, à evolução.

Tornamo-nos sagrados quando nos dispomos a seguir a voz íntima da nossa consciência que indica sempre a direção do bom, do belo, do futuro que nos aguarda em nossa evolução espiritual, nosso verdadeiro destino.

Quando verdadeiramente nos sacrificamos é porque nos esforçamos para eliminar do nosso próprio ser os equívocos, as sombras, o egoísmo e todos os vícios morais que cultivamos no passado remoto ou atual e que ainda insistem em permanecer albergados em nosso próprio ser.

Muitas vezes o sacrifício é espinhoso, porque acostumados à sombra, tememos e hesitamos perante a luz; acostumados à prisão, acorrentados aos equívocos passados, somos temerosos a alçar vôo pela nossa própria liberdade. Tememos muitas vezes o esclarecimento e a própria felicidade por estarmos acostumados a viver enclausurados dentro do nosso próprio egoísmo.

Não somos capazes de abrir mão do nosso orgulho e das nossas vaidades. Nos agarramos à ilusão do poder e aos prazeres temporários, mas com certeza absoluta um dia nos libertaremos de todo mal que a nós mesmos fizemos e

alçaremos vôo em direção ao infinito que nos espera.

59 - Perante as Advertências

Normalmente, quando recebemos advertências, inicialmente pelos nossos pais ou mestres, nos revoltamos intimamente. Sentimos raiva daqueles que nos advertem.

No entanto, nossos pais e mestres nos amam e nos advertem com a intenção de nos ensinar e nos orientar para o caminho do bem.

Assim também, o Pai, Suprema Inteligência, Amor e Justiça, nos adverte de diversas formas a fim de que não mais erremos, para que sejamos melhores do que fomos. Desta forma devemos reconhecer as advertências que nos chegam sob a forma de dores, sofrimentos, desafios e de diversas outras formas.

Se não formos excessivamente orgulhosos e vaidosos, devemos aceitar as advertências humildemente, procurando entender seus significados mais profundos, mudando nossas condutas, pensamentos e ações, a fim de que, transformando-nos, sejamos melhores.

Estejamos, pois, sempre atentos às advertências Divinas em nossas vidas.

60 - Perante as festas religiosas e comemorativas

No mundo inteiro, em todos os povos, em suas diversas denominações religiosas e culturais, sempre existiram e existirão datas comemorativas através das quais se lembram determinados acontecimentos, reais ou mitológicos, que, de alguma forma, arquetipicamente, relembram a relação Criador-criatura.

Mais especificamente na cultura judaico-cristã, à qual pertencemos, diz-se que Deus ordenou o trabalho durante seis dias, devendo o sétimo ser dedicado a Ele. O domingo então seria o dia do descanso e dedicado à relação Criador-criatura.

Além disso, várias festas comemorativas da nossa cultura são comemoradas ao longo do ano, algumas delas constituindo feriados estatais, definidos por lei, e outros ainda, seguido de festas religiosas ou profanas, muitas delas vindas de outras tradições como a greco-romana.

No entanto, a par dos aspectos sociológicos, históricos e mesmo mitológicos das festividades religiosas, devemos buscar o essencial que é a lei de adoração, ou seja, a relação natural e posteriormente voluntária entre a criatura e o Criador, que deve sempre representar uma tentativa da criatura de erguer-se sobre si mesma em direção ao Criador.

O cristão sincero, o espírita, deve adotar efetivamente nestas ocasiões uma oportunidade de mais firme e disciplinadamente buscar o mundo espiritual e seus valores: os do Espírito, sua prática através dos pensamentos, palavras e ações.

Devemos buscar nestas ocasiões a prática da meditação e do estudo, da oração e da evolução, seja no recolhimento íntimo ou na plena relação com o outro, encarnado ou desencarnado que permanece ao seu lado, buscando nesta oportunidade o exercício e a prática do bem.

61 - Perante a beleza e a fealdade

O discípulo do Evangelho, conhecedor dos valores da verdadeira vida, dos valores eternos do Espírito, deve possuir muito discernimento, sobriedade e calma diante da beleza ou diante da fealdade.

Porque o discípulo do Mestre sabe que a verdadeira beleza assim como a verdadeira fealdade não é visível aos olhos da carne.

Assim, na maioria das vezes, aquilo que nos parece beleza, geralmente não o é, e quando o é, é temporário.

E, muitas vezes, aquilo que nos parece fealdade, geralmente não o é. E se o é, é temporário.

A humanidade em geral, enquanto encarnada, é viciada em perceber apenas a aparência e a externalidade. Não possui ainda a sensibilidade, que só é conseguida quando se aprimoram os olhos do Espírito e o conhecimento espiritual que lhe permite ver além do exterior, ultrapassar as aparências e alcançar o invisível, o futuro e o permanente.

A verdadeira beleza encontra-se na essência, na potência, na possibilidade, no futuro, na perfectibilidade e na Lei Divina.

Imbuído disto, o discípulo de Jesus buscará sempre o melhor, o ético e a verdadeira beleza em todas as pessoas e em todas as criaturas de Deus.

62 - Perante o último

A vida terrena nos traz a ilusão de pensarmos que muitas vezes estamos diante da última oportunidade, do derradeiro contato com determinadas pessoas e objetos, ou mesmo de sermos os últimos em determinadas situações e possibilidades.

Na verdade, entretanto, só podemos verdadeiramente conhecer o primeiro: a primeira oportunidade, a primeira pessoa, a primeira vez em determinada situação. É no mínimo falta de humildade ou de conhecimento acreditar que sejamos os últimos ou que estamos diante da última oportunidade ou situação, seja nesta existência corpórea, na erraticidade, ou em novas passagens terrenas, uma vez que o futuro somente a Deus pertence.

Não devemos, pois, acreditarmos ou termos a pretensão de saber que estamos diante do último dia do nosso companheiro, nos últimos dias da nossa vida terrena, na última oportunidade de renovação, na última mensagem espiritual do livro, porque o futuro nos é desconhecido e não sabemos as surpresas incríveis, inacreditáveis e surpreendentes que Deus reserva para cada um de nós no dia seguinte.

Muita felicidade e paz para vocês!

ouvidos, que ouça, que tiver olhos, que veja.

Copyright © 2019, GEEC de Divinópolis

Catálogo-na-publicação (CIP) - Brasil

Gontijo, Jomar

G641p

Propósitos perante à vida / Jomar Gontijo por espíritos diversos. - 1º Ed. -
Divinópolis: Ethos Editora, 2019.

136 p;

ISBN: 078-85-68476-22-2

1- Espiritismo. 2- Psicografia. 3 - Mensagem mediúnica. 1- Espíritos diversos. 2
- Propósitos perante à vida.

CDD: 133.93

Catálogo Bibliográfico: Glaucilene de Fátima Rocha Ferreira, CRB6/1471

Divinópolis - 2019

Todos os direitos desta obra são integralmente cedidos ao GEEC Divinópolis
para a manutenção de suas atividades assistenciais